



Corporate

magazine



Daniela Esteves
Administradora
Finpartner
“Não existe melhor sensação do
que trabalhar no que se gosta”

GESTORAS E LÍDERES

DE SUCESSO:

A igualdade de
género é uma luta
pela justiça social

FESTA DOS

TABULEIROS

DE TOMAR:

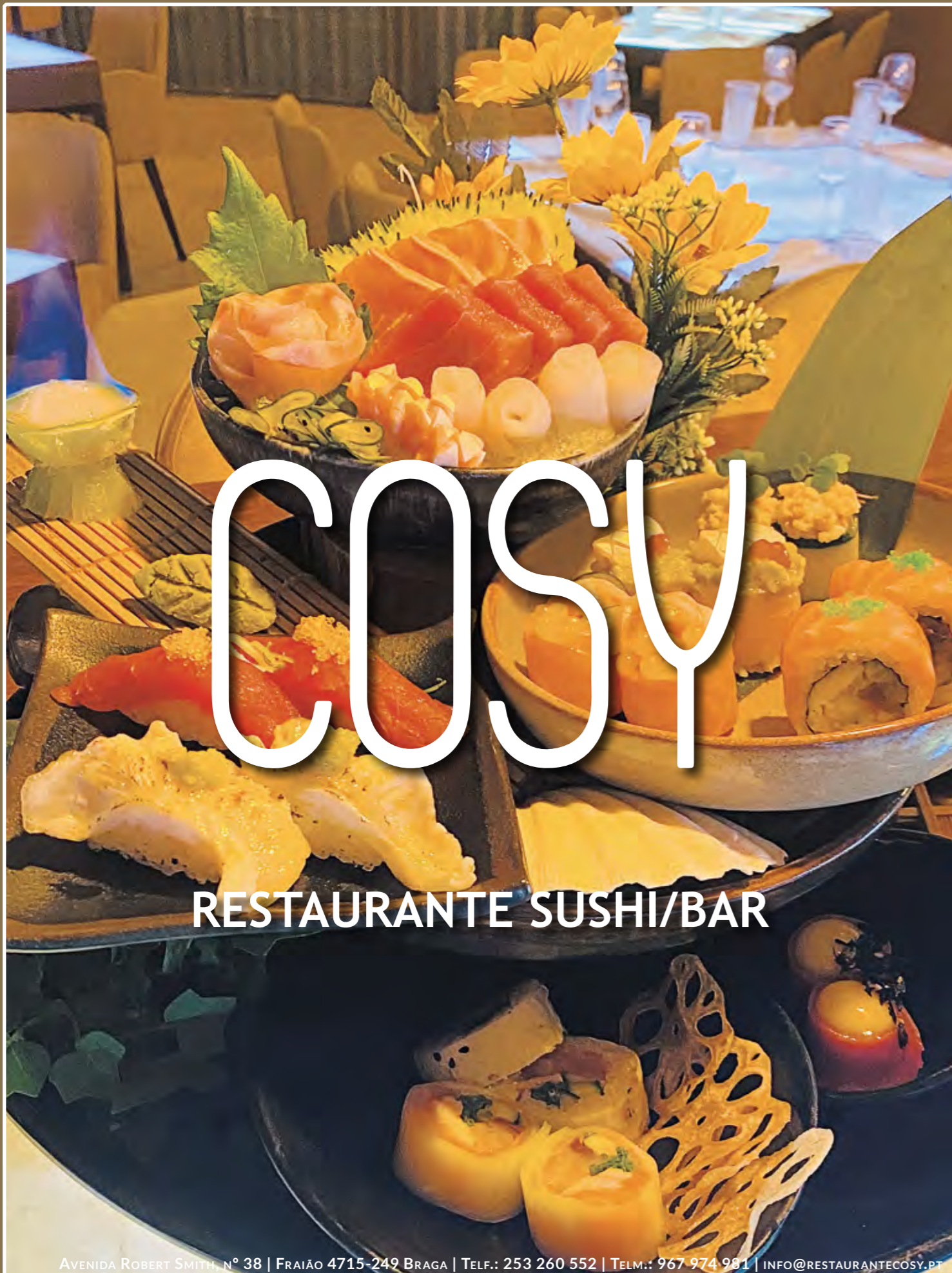
A Festa do povo a
Património de todos



Festa dos Tabuleiros de Tomar

A FESTA DO POVO A PATRIMÓNIO DE TODOS





COSY

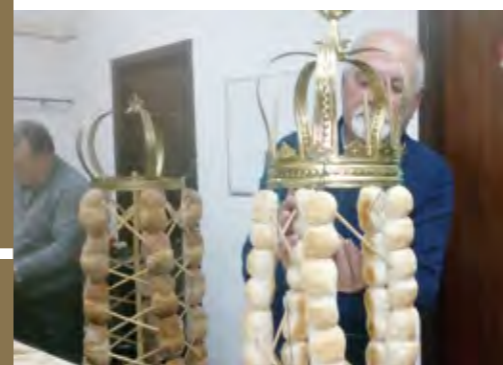
RESTAURANTE SUSHI/BAR

AVENIDA ROBERT SMITH, N.º 38 | FRAIÃO 4715-249 BRAGA | TELF.: 253 260 552 | TELM.: 967 974 981 | INFO@RESTAURANTECOSY.PT

experiências
ÚNICAS & DELICIOSAS



UNIÃO DAS FREGUESIAS DE
SÃO JOÃO BATISTA E SANTA MARIA DOS OLIVAIS




MADE PORTUGAL

EDITORIAL

Numa das mais bem conseguidas capas de um álbum de banda desenhada que eu me lembre, lia-se que tinham sido necessários entre outros, 14 litros de tinta-da-china, 38 quilos de papel, 16 fitas de máquinas de escrever e 67 litros de cerveja (!) para a sua realização. O álbum em questão era “Astérix e Cleópatra” (1963), com o humor refinado de Goscinny na escrita e o traço inimitável de Uderzo no desenho. É que nesse mesmo ano estreava nos cinemas o épico Cleópatra, com Elizabeth Taylor como imperatriz do Egipto. Era o filme mais caro de sempre até então, o que motivou essa muito acertada e hilariante entrada do álbum do herói Gaulês.

Veio-me isto à memória porque de cada vez que levamos a cabo uma empreitada, ao vê-la completa, é inevitável que nos recordemos dos recursos necessários para aí chegar. E se é certo que não temos, à semelhança de grande parte das empresas portuguesas, recursos comparáveis aos dos estúdios clássicos de Hollywood, que nunca nos falte o engenho, a astúcia e o otimismo dos nossos amigos Gauleses. Para além disso temos uma edição recheada de mulheres carismáticas. Como poderá ver nas nossas páginas, a começar pela capa, o nosso país pode bem orgulhar-se das muitas gestoras e profissionais altamente qualificadas que tem, não só cá dentro como pelo mundo fora. Sim, porque nesta edição vai encontrar casos de sucesso de portuguesas também na Europa e em África.

Retomando a ideia de empreitada, para completarmos esta edição foram também necessárias muitas horas de trabalho e muitos quilómetros de estrada. Foram muitas as idas a Tomar, e disso damos conta nesta revista. A candidatura da “Festa dos Tabuleiros” a Património Cultural Imaterial Nacional e, futuramente, da Humanidade foi o mote para muitas conversas, entrevistas, pesquisas, fotografias e viagens. Percorremos o concelho de uma ponta à outra, fomos muito bem acolhidos na Câmara Municipal, nas Freguesias e nas principais instituições da cidade, escolas e empresas. Provámos os Vinhos do Tejo e a cozinha ribatejana, tornámo-nos clientes habituais da restauração da cidade, onde passámos a ter a “nossa mesa” à espera.

Sentimos o espírito tomarense, fraterno e solidário da Festa e a alma nabantina. O resultado está nas suas mãos, espero que tenhamos conseguido refletir esse significado. Até porque há uma mensagem muito bonita a passar, de profundo respeito pelo “outro”, de dádiva e generosidade que, mais do que nunca, temos o dever de preservar. 

FICHA TÉCNICA

Propriedade Litográficos - Artes Gráficas, Lda. **Sede/Editor** Litográficos Park, Pavilhão A, Vale Paraíso 8200-567 Albufeira NIF 502 044 403 **Conselho de Administração** Sérgio Pimenta **Participações sociais** Fátima Miranda; Diana Pimenta; Luana Pimenta (+5%) **Assessora de Administração** Carla Rodrigues **Diretor** João Malainho **Gestores de Comunicação** António Carlos; Goreti Vieira **Diretor Editorial** João Malainho **Jornalistas** Sara Dâmaso; Inês Dias **Designer Gráfico** Departamento Criativo Litográficos **Redação e Publicidade** Rua Professora Angélica Rodrigues, nº. 17, sala 7, 4405-269 Vilar do Paraíso | Vila Nova de Gaia E-mail geral@incorporateagency.pt **Site** www.incorporatemagazine.pt **Periodicidade** Mensal **Estatuto Editorial** Disponível em www.incorporatemagazine.pt **Impressão** Litográficos - Artes Gráficas, Lda. **Depósito Legal** 455204/19 N.º. **Registo ERC** 127355 **fevereiro 2022**

GESTORAS E LÍDERES DE SUCESSO

A igualdade de género é uma luta pela justiça social

- 6 DANIELA ESTEVES - FINPARTNER
- 10 CLÁUDIA BERNARDO - OPFC CLÍNICA MÉDICA DO PORTO
- 12 MARIA ANA REAL - REAL, AVOCATS À LA COUR E REAL ACADEMY OF DANCE
- 14 ANA CRISTINA COSTA - PROTEJA SEGUROS SA E AFRI GROUP ANGOLA

FESTA DOS TABULEIROS DE TOMAR

A Festa do povo a Património de todos

- 22 TOMAR: A FESTA DO POVO A PATRIMÓNIO DE TODOS
- 26 UNIÃO DAS FREGUESIAS DE TOMAR
- 28 INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR
- 30 AGRUPAMENTO DE ESCOLAS NUNO DE SANTA MARIA
- 34 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE TOMAR
- 36 JUNTA DE FREGUESIA DE CARREGUEIROS
- 38 AGRUPAMENTO DE ESCOLAS TEMPLÁRIOS
- 40 UNIÃO DAS FREGUESIAS DE SERRA E JUNCEIRA



§

DESAFIOS PARA AS EMPRESAS EM 2022

por António Saraiva, Presidente da Confederação Empresarial de Portugal

Do ponto de vista das empresas, o desafio mais imediato para 2022 é o de reequilibrarem os seus balanços, para serem capazes de investir e assim impulsionar a recuperação e melhorar a sua capacidade competitiva.


Daí a importância de pôr no terreno instrumentos, de natureza financeira e fiscal, dirigidos ao reforço do capital das empresas.

As empresas terão de adequar e programar novos investimentos face à incerteza dos mercados e aos desafios da transição digital e tecnológica, da economia circular e da descarbonização.

Daí a importância executar de forma inteligente e eficiente o PRR e preparar convenientemente o Portugal 2030, apoiando as empresas nesse esforço de investimento.

Não menos importante é a prioridade das empresas se dotarem de recursos humanos com as competências necessárias para se modernizarem e responderem a estes mesmos desafios.

Daí a necessidade de um exigente processo de qualificação e requalificação da força de trabalho e da sua permanente adequação às necessidades das empresas.

A resposta a estes desafios está, em grande medida, nas mãos das empresas, que apesar de toda a adversidade, permanecem empenhadas em participar na recuperação e transformação da economia. No entanto, esta resposta será condicionada pela orientação que for dada à política económica e pela dimensão, rapidez e eficácia das medidas que forem colocadas no terreno. 



“Não existe melhor sensação do que trabalhar no que se gosta”

Mais do que prestar serviços de contabilidade e consultoria fiscal, a Finpartner assume-se como uma verdadeira parceira dos seus clientes nas mais importantes decisões de gestão. O rosto desta empresa, com clientes espalhados por todo o mundo e uma forte aposta na tecnologia, é Daniela Esteves. Uma líder de inegável sucesso, que gosta verdadeiramente daquilo que faz e conhece bem todos os degraus até ao topo da hierarquia. Para além de nos revelar as novidades de uma empresa em constante atualização, quisemos perceber como vê o atual panorama empresarial em Portugal e a capacidade de atração de investimento do nosso país.

A Daniela Esteves entrou para a Finpartner como estagiária e ficou como técnica de contabilidade. Seguiu-se o cargo de contabilista sénior e chefe de equipa, sendo promovida a Diretora Operacional. Em março de 2020 torna-se Administradora da empresa. Tudo isto em apenas oito anos, num trajeto completo da base até ao topo. Como é ser a protagonista deste percurso?

Estou muito contente com o percurso que trilhei e estou igualmente grata a todos aqueles que apostaram em mim e me apoiaram, desafiando-me constantemente a ambicionar e a querer fazer mais e melhor pela Finpartner. Tem sido um caminho desafiante mas muito enriquecedor. Considero ter tido uma oportunidade, que não é muito comum no nosso tecido empresarial, de começar na base e chegar ao topo. Esse percurso permitiu-me adquirir um know-how de todas as áreas da empresa, o que me proporciona uma compreensão mais alargada da dinâmica de toda a nossa organização, o que é sem dúvida um ponto forte na liderança e na gestão da mesma.

Quais são os maiores desafios de liderar uma empresa com mais de 2 mil clientes?

Os desafios são muitos e variados, mas são eles que nos ajudam a melhorar como um todo, bem como o serviço e acompanhamento que procuramos dar a cada um dos nossos clientes. O facto de termos uma grande carteira de clientes composta por, na sua maioria, nacionalidades estrangeiras, permite-nos ter contacto com culturas muito diferentes bem como sistemas fiscais muito distintos do nosso. Esse facto obriga-nos a um estudo constante e mais aprofundado da realidade dos mesmos além-fronteiras, tendo muitas vezes que fazer-se a ponte com diferentes entidades estrangeiras bem como ter um cuidado redobrado na explicação de certos temas fiscais e contabilísticos. Ambicionamos ser um parceiro para os nossos clientes, o que obriga, sem dúvida alguma, a

estarmos mais atentos e disponíveis, providenciando um acompanhamento mais próximo e a apresentação de soluções custom made. Isto porque as necessidades de um cliente não são necessariamente iguais às de outro. Todos estes desafios abrem-nos horizontes que nos permitem crescer como profissionais e como organização.

Como caracteriza os clientes da Finpartner?

Os nossos clientes, tal como referi anteriormente, são maioritariamente estrangeiros. Trabalhamos com empresas estrangeiras que abrem filiais ou sucursais em Portugal, mas também com pessoas singulares que pretendem investir em Portugal seja em nome pessoal ou através da criação de novos negócios. São clientes com um forte espírito empreendedor e dinâmico e possuem igualmente um elevado grau de exigência que imprimem nos projetos que desenvolvem.

Ao olharem para os vossos clientes como parceiros e contribuindo ativamente em decisões de gestão imagino que sintam o sucesso deles como vosso também. É mesmo assim?

Sem dúvida que sim. Um dos nossos principais objetivos é ser um verdadeiro parceiro de negócios dos nossos clientes, indiscutivelmente isso exige de nós uma maior dedicação e envolvimento nos projetos de cada um deles. Ficamos sempre muito satisfeitos ao ver o crescimento e os sucessos que conseguem alcançar. Nestes últimos tempos, em que com a pandemia muitos negócios foram afetados, foi com especial satisfação que vimos negócios a conseguirem manter-se e alguns deles mesmo a prosperar e ganhar dimensão numa altura tão conturbada como a que vivemos. Esta proximidade e diversidade de experiências que temos oportunidade de acompanhar é algo que muito valorizamos e que nos ajuda a criar conhecimento mais especializado e procurar continuamente a melhoria do serviço que prestamos,



tornando-o mais completo e abrangente.

A tecnologia está no vosso ADN e lançaram mesmo uma aplicação própria para facilitar a relação com os vossos clientes. Entendem que a capacidade de inovação e a adaptabilidade são absolutamente fundamentais para a boa gestão de uma empresa atualmente?

A tecnologia, de uma forma global, está cada vez mais presente e é sem dúvida o futuro de toda e qualquer organização que queira prosperar e ser competitiva no mercado. Com a chegada da pandemia veio confirmar-se a importância do uso das novas tecnologias, tendo obrigado a uma adaptação muito rápida à nova realidade com que nos temos deparado nestes últimos dois anos. Na Finpartner consideramos que a tecnologia e a inovação, na nossa área de atuação, são essenciais, pois são de uma forma inquestionável uma excelente ferramenta de automatização de tarefas e procedimentos, mas também de comunicação e de reforço de proximidade com os nossos clientes. Com a transição tecnológica o papel do contabilista é mais do que registar documentos e responder a obrigações fiscais, sendo premente manter-nos a par de todas estas novas mudanças e usá-las de forma a tirar o máximo partido delas. É por isso que trabalhamos continuamente no desenvolvimento de mecanismos que nos permitam reduzir tarefas consumidoras de tempo e que nos aproximem dos nossos clientes.

Um desses exemplos é a nossa APP, que foi concebida com o intuito de ser um canal alternativo de comunicação com o cliente e que tem vindo a evoluir neste último ano. Alguns exemplos das suas funcionalidades são a possibilidade de partilhar documentos bilateralmente, fazer pagamentos, consultar conteúdos informativos, ou utilizar o gamification. Esta funcionalidade trata-se de um jogo que desenvolvemos para os nossos clientes, com a finalidade de incentivar determinados comportamentos ou ações, com o intuito de ganhar pontos que, posteriormente, podem ser trocados por prémios.

Colocámos recentemente novas ferramentas na APP que, no nosso entender, são uma mais-valia para o cliente, tais como o simulador de salários, o simulador de IRC e a nossa

assistente virtual, a Finny, que alerta os clientes de prazos e outros conteúdos relevantes, sempre com mensagens personalizadas. A ideia é que a nossa APP continue a evoluir tornando-se a cada vez mais interativa e útil para o nosso cliente.

A internacionalização foi sempre um objetivo da empresa? O que motivou essa aposta?

Sim, a internacionalização foi sempre um dos objetivos da Finpartner. Desde o início que queremos afirmar-nos com uma prestação de serviços diferenciadora e personalizada, atendendo que o mercado da contabilidade estava estagnado em Portugal, havendo muito pouca valorização dos serviços que prestamos, almejámos sempre o mercado internacional e foi essa a estratégia que temos vindo a seguir. Ao longo dos anos conseguimos compor uma carteira de clientes essencialmente estrangeiros, que acabou por nos ajudar a criar o know-how diferenciador que hoje imprimimos no serviço que prestamos e que é reconhecido pelos nossos clientes. O salto seguinte será consolidar o nome da nossa marca e criar uma presença permanente no estrangeiro.

Há muito interesse de investidores estrangeiros em Portugal? Quais são os fatores de atratividade do nosso país?

O nosso país é bastante atrativo no que toca ao investimento estrangeiro, o que é bastante benéfico para a nossa economia e isso espelha-se nos números. De acordo com os dados divulgados pelo Banco de Portugal e pelo Gabinete de Estratégia e Estudos (GEE) nos primeiros 11 meses de 2021, as transações acumuladas do Investimento direto em empresas em Portugal foram de 6 203 milhões de euros, o que demonstra um crescimento significativo quando comparado com o período homólogo em que se registou um investimento direto de 3 690 milhões de euros. Também recentemente Portugal foi classificado no 10º lugar das economias mais atrativas para o investimento estrangeiro.

As razões são variadas, desde a qualidade de vida com um ótimo clima, estabilidade social e segurança, bem como um povo bastante hospitaleiro. Passando pela qualidade dos

nosso profissionais, não só nas áreas técnicas, mas também pela capacidade demonstrada na adaptação a contextos multiculturais e multilinguísticos. E claro está, outra das razões passa pelos incentivos fiscais disponibilizados, como por exemplo o Golden Visa ou os Residentes não Habituais. A constante aposta na inovação e tecnologia, impulsionada pelos nossos jovens empresários, como o exemplo claro das três empresas portuguesas que ganharam o estatuto de unicórnio, bem como a organização de eventos em grande escala como o Websumit são uma janela de novas oportunidades que devem continuar a ser exploradas. Contudo, existem temas que temos que melhorar como país e que incidem essencialmente no excesso de burocracia e na complexidade do nosso sistema fiscal, fatores que podem desencorajar alguns investidores.

Quando olhamos para a equipa da Finpartner vemos que é composta maioritariamente por mulheres. Podemos dizer que é uma empresa marcadamente feminina ou é algo que não tem impacto na “personalidade” da empresa?

É verdade, as nossas equipas são maioritariamente constituídas por elementos femininos, não foi algo que tenha sido feito propositadamente. Creio que se prende com a realidade que temos no nosso país, pois pegando nos números de 2020 partilhados pela Pordata, 58% dos diplomados de ensino superior em Portugal são do sexo feminino, o que necessariamente se traduz em mais candidatos femininos. Indiscutivelmente que esta composição confere, necessariamente, características associadas normalmente ao sexo feminino no nosso clima organizacional. Nomeadamente no que toca, por exemplo, à gestão de tarefas, ao foco e atenção ao detalhe, à criação de imagem positiva e sua comunicação, importantíssimo na nossa estratégia de marketing, entre outras. Mas a realidade é que cada um dos nossos colaboradores, sejam eles mulheres ou homens, aportam sempre novas características que nos enriquecem como equipa, e nos tem ajudado a crescer como um todo e consequentemente a criar oportunidades para todos eles.

Como mulher, gestora e líder, de que forma olha para o mundo corporativo atual e para as mulheres neste meio? Sente que Portugal pode ser competitivo no mercado global?

No meu entender existe muito a fazer no que toca à igualdade de género no mundo corporativo de uma forma transversal. Ainda recentemente este tema surgiu no discurso da presidência francesa do Conselho da União Europeia por Emmanuel Macron, presidência que se iniciou em janeiro de 2022 e que durará 6

meses. No parlamento europeu, Macron abordou o tema das desigualdades salariais entre homens e mulheres, bem como a introdução de quotas para mulheres nos conselhos de administração das empresas, como uma das prioridades que quer desenvolver durante a presidência.

A implementação de quotas é uma medida que tem vindo a ser discutida no Parlamento Europeu, mas que não tem tido a aderência dos 27. Contudo, na minha opinião não se trata de uma questão de imposição de quotas, mas sim de mudança de mentalidades e isso leva o seu tempo. Tem de ser dadas as mesmas oportunidades a ambos os sexos e não limitar a aposta com base no género. Deve-se igualmente não limitar a escolha para um determinado cargo em apenas e só a experiência, mas também ver um pouco mais além, e aferir o potencial que cada candidato tem.

Os números dos mais recentes estudos não são animadores, e de acordo com a 15ª edição do Relatório de Desigualdade Económica de Género de 2021, o fosso da desigualdade agravou-se com a pandemia, estimando-se agora que serão necessários em média cerca de 136 anos para atingir a paridade entre géneros na economia. Portanto, o caminho é longo para atingirmos a igualdade de género que ambicionamos. Em Portugal começam-se, na minha opinião, a registar sinais de pequenas mudanças e quero acreditar que em breve começaremos a ver resultados mais claros e animadores de que estamos a caminhar num bom sentido.

A Daniela Esteves chega a uma posição de topo numa empresa de referência no setor da contabilidade e gestão ainda muito jovem. De que forma vê o seu futuro e o da Finpartner?

O Futuro da Finpartner passará indiscutivelmente pela tecnologia e pela mudança de paradigma no que toca ao papel do contabilista. Passa igualmente pela internacionalização da marca, esse é um dos nossos maiores reptos. Quanto a mim, neste momento, a minha ambição é continuar a trabalhar no projeto Finpartner, contribuir ativamente para o crescimento da empresa e para o meu próprio crescimento, bem como o de cada um dos profissionais que trabalham comigo. O futuro está repleto de oportunidades novas e desafiantes e eu pretendo continuar a trilhar o caminho que me levou até aqui e continuar a apreender todos os dias e a fazer o que gosto.

Pois, a meu ver, não existe melhor sensação do que trabalhar no que se gosta, com pessoas que nos ensinam todos os dias e poder participar em projetos que nos desafiam diariamente.

RUA CASTILHO, Nº 39 - 15º 1250-068 LISBOA

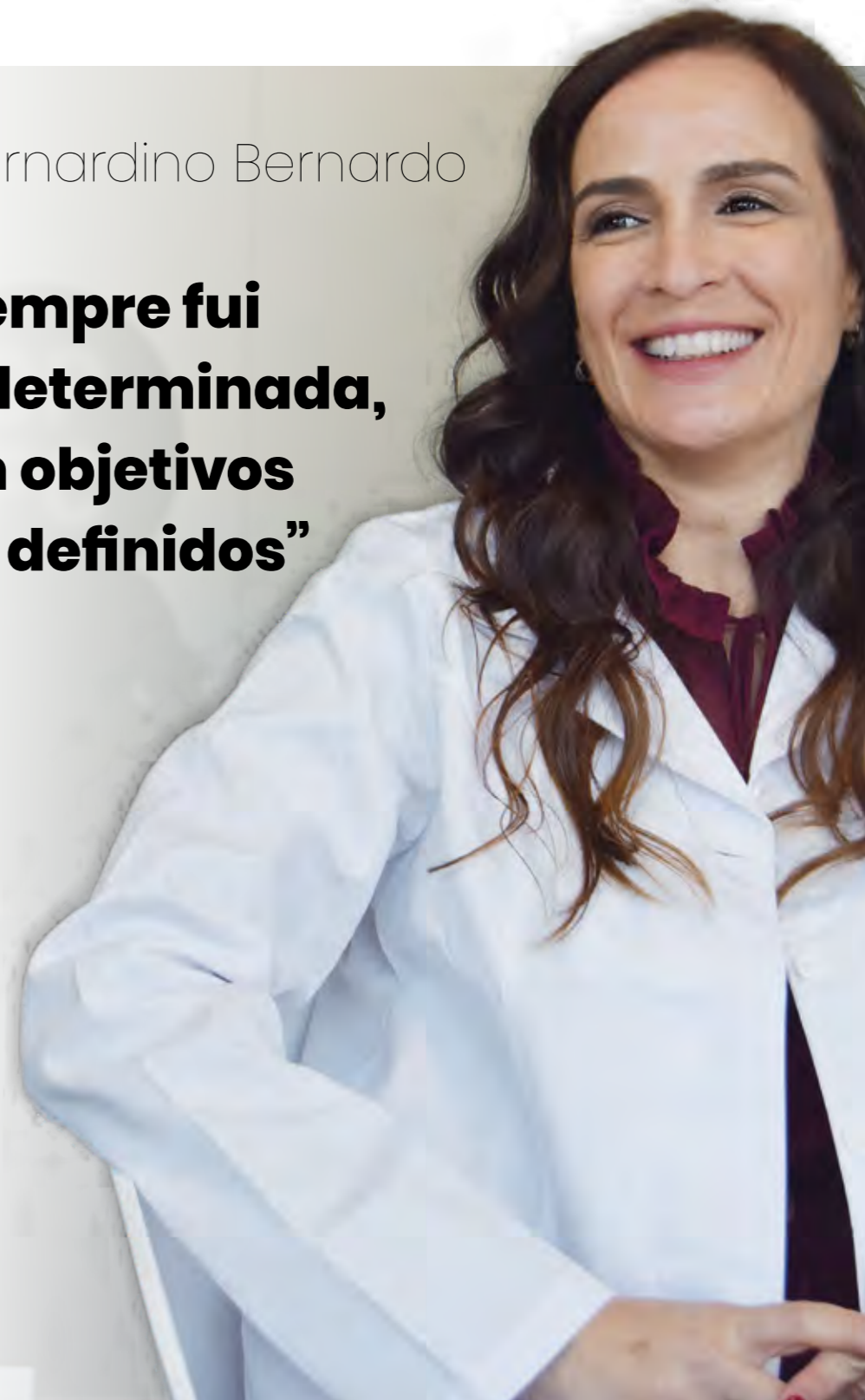
WWW.FINPARTNER.PT

TELF.: 210 995 932

FINPARTNER@FINPARTNER.PT

Cláudia Bernardino Bernardo

“Sempre fui muito determinada, com objetivos bem definidos”



A OPFC – Clínica Médica do Porto acabou de inaugurar, este mês, as novas instalações na Avenida da Boavista. Um espaço pensado para os utentes e com um equipa “dedicada a si e aos seus”. Foi no meio deste processo de mudança que tivemos a oportunidade de entrevistar a Diretora Clínica, Cláudia Bernardino Bernardo. Uma líder determinada, capaz de motivar, de influenciar, inspirar e gerar empatia. Mas antes de tudo uma Médica de família, humana, com real preocupação com os seus utentes.



“Neste momento, ser diretora clínica da OPFC é uma das minhas maiores realizações profissionais e pessoais. Trabalho com uma equipa fantástica.”

Cláudia Bernardino Bernardo, Médica especialista de Medicina Geral e Familiar e Diretora Clínica da OPFC – Clínica Médica do Porto. Nasceu na Beira Alta, licenciou-se na Universidade Nova de Lisboa e trabalha há muitos anos no Porto. Começo por lhe pedir que nos fale um pouco de si e do seu percurso académico e profissional.

Sou natural de Moimenta da Beira, onde estudei e vivi permanentemente até aos meus 18 anos. Desses tempos recordo muitos professores que tiveram um papel importante na minha formação e na afirmação da minha vontade de ser Médica. Há muitos anos que não havia uma entrada no tão desejado curso de Medicina e acredito que também para eles fui motivo de orgulho. Ingressei no Curso de Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Lá criei muitas amizades que muito estimo e mantenho no presente, por este país fora. A faculdade teve o seu percurso normal de 6 anos, com muitas viagens aos fins de semana, sempre aproveitadas para estudar. A família sempre teve muita importância para mim e seria impossível passar um fim de semana sem ir “à terra”. Sempre fui muito determinada, com objetivos bem definidos e capaz de abdicar da adolescência em prol do sonho de ser Médica. A realidade de hoje não era a de há muitos anos atrás. No interior tirar um 19 era muito “suado”, nos grandes centros tínhamos os colégios que fabricavam notas.

Quais foram os momentos mais marcantes da sua vida e de que forma influenciaram a sua relação com os outros, a nível pessoal e profissional?

Tive um momento marcante na minha vida pessoal, que prefiro não referir, que inevitavelmente influenciou a minha forma de estar na vida pessoal e, passados dois anos, profissional. Foi apenas a certeza de que seria Médica seria e, sobretudo, Humana com cada utente que me passasse pelas mãos. A certeza de que a vida é cheia de provas e só teria que superar cada uma delas para alcançar os meus sonhos. Hoje sou Feliz: PRIMEIRO - estou viva e não há motivo maior de felicidade - tenho uma filha maravilhosa e encantadora; tenho satisfação profissional como verdadeira Médica de Família e amigos de ouro. Claro que neste mundo há sempre quem nos vire as costas quando somos felizes com menos.

Quando é que soube que quis ser médica? E que fatores foram influenciado a sua decisão ao longo do percurso escolar e académico?

Na faculdade, na cadeira de Clínica Geral, feita 15 dias em Cascais e 15 dias em Ferreira do Alentejo, com duas orientadoras fantásticas, foi tomada interiormente essa decisão.

Porque é que escolheu a Medicina Geral e familiar como especialidade?

A Medicina Geral e Familiar é a especialidade que me permite ser médica dos 0 aos sem limite de idade; é vigiar grávidas; é fazer consultas de saúde infantil; é fazer planeamento familiar; é vigiar HTA e diabetes; é a saúde de adultos. Mas também é a resposta ao domicílio dos dependentes, também é a gestão dos conflitos familiares, também é o luto. Logo, está sempre implícita a psiquiatria e a psicologia. A relação de confidencialidade e proximidade com as pessoas / utentes é muito aliciante e enriquecedora.

O que mais a apaixona na sua profissão?

Chegar ao final de um dia de trabalho de consciência tranquila, porque fiz o melhor que sei, tendo como prioridade o utente. E há dias em que pequenos gestos e palavras dos utentes me fazem sentir realmente realizada.

Para além das competências técnicas e científicas, o que é para si ser uma boa médica? E, mais especificamente, uma boa médica de família?

Eu posso ser muito boa técnica e cientificamente mas, se como Médica de Família não crio empatia com o utente, não há relação médico / doente que perdure.

Define-se como alguém sempre pronta para novos desafios. Há algum que tenha exigido mais de si e que queira partilhar connosco?

Todos os desafios exigem muito de nós. Mas a certeza, a perseverança, resistência física e emocional e a exigência comigo própria ajudaram-me sempre. Nos últimos sete anos a minha fonte de inspiração e força é a minha filha.

Para além de médica, a Cláudia Bernardo é também gestora e assume cargos de direção. Como é um(a) líder ideal, para si? Revê-se nessa imagem?

Ser diretora clínica da OPFC – Clínica Médica do PORTO é poder ser uma voz de motivação, de liderança na capacidade e habilidade de motivar, influenciar, inspirar e “comandar” um grupo de pessoas a fim de atingir os seus objetivos, neste caso objetivos de uma equipa EXPERIENTE, JOVEM E COMPETENTE. O meu lema é uma liderança por ideal, assim poderei criar um elo entre os colaboradores, os utentes, a cadeia de supply chain e o próprio líder. Revejo-me diariamente neste papel. Neste momento, ser diretora clínica da OPFC é uma das minhas maiores realizações profissionais e pessoais. Trabalho com uma equipa fantástica.

Há cada vez mais mulheres a desempenhar profissões altamente qualificadas. Há também mais mulheres nas Universidades do que homens, já há muitos anos. No entanto, em cargos de liderança, continuam a ser uma minoria. Porque é que acha isto acontece?

A liderança no feminino é muito mais atenta ao detalhe e emocional, muito mais preocupada com a equipa a nível emocional, mais próxima do outro e com maior capacidade de gerar empatia. Somos assim capazes de criar uma relação de confiança, fazendo com que a equipa se sinta envolvida de forma mais natural e não por uma questão de obrigatoriedade. É preciso achar a hierarquia nas empresas, elevar o nível emocional das equipas, envolver as pessoas nas decisões, ouvir a sua opinião e mantê-las dentro do processo, como peças fundamentais do sucesso. Acredito muito no poder das mulheres como líderes em todas as áreas. Temos uma inteligência emocional mais desenvolvida e esta característica é fundamental para trabalhar com pessoas.

A Clínica Médica do Porto, da qual é Diretora Clínica, acabou de mudar de instalações para a Avenida da Boavista. O que é que os seus utentes podem esperar deste novo espaço?

Este novo espaço foi pensado na totalidade para os utentes que podem vir a usufruir dos nossos serviços. Somos verdadeiramente “Uma Equipa dedicada a si e aos seus!” No presente, a aposta da OPFC – Clínica Médica do PORTO passa pela diferenciação nos seus serviços, seja através da Medicina Geral e Familiar (domicílio, presencial e


“A perseverança, resistência física e emocional e a exigência comigo própria ajudaram-me sempre.”



vídeo consulta); Pneumologia, Pediatria, Psicologia Clínica, Nutrição Funcional, Desportiva e Clínica (focada também na Diabetes); Fisioterapia Respiratória e Pediátrica (domicílio e presencial); Fisioterapia, Saúde Pélvica (domicílio e presencial) e Podologia – Pé Diabético.

As novidades são a Consulta Multidisciplinar do Sono, Apoio Geriátrico Domiciliário e a Consulta Antitabágica. Dispomos ainda dos serviços de enfermagem (domicílio e presencial), realização de análises clínicas 12h/d, convenção com centro de Imagiologia e diagnóstico radiológico e ainda realização de testes SARS-CoV-2, quer os de antígeno rápidos quer os moleculares por RT-PCR com colheitas da nasofaringe ou saliva.

Depois de nos últimos dois anos a pandemia ter vindo abalar completamente as nossas vidas, como é que a Cláudia Bernardo olha para o nosso futuro, enquanto sociedade?

A nossa sociedade está muito abalada pós tanto tempo de pandemia. No presente, como clínica, encontro utentes revoltados, agressivos e deprimidos. Os culpados de todo o atraso das consultas “são os médicos”. Não sei que pensar, estive duas vezes infetada e em março / abril de 2020 vivi muito próxima da morte e foi assustador. Mas ao mesmo tempo acabou por ser fantástico porque o sentido da vida mudou bastante. As pessoas egoístas tornaram-se mais egoístas; as pouco sentimentais completamente egocêntricas. Espero que economicamente seja possível recuperar o mais possível. Preocupa-me a saúde mental dos jovens – crianças e adolescentes – pós confinamentos e isolamento social. Assim como as consequências de estar dois anos em casa, seja para profissionais ou estudantes. Quero acreditar que, daqui a alguns meses, a sociedade vai arrefecer as ideias e tirar partido desta partida que a pandemia nos pregou a todos. 



Conciliar dois mundos com a leveza da dança



“Não é por acaso que Maria Ana Real Geraldo Dias está nesta secção da IN Corporate. É uma mulher que lutou e trabalhou muito pela vida que tem hoje. Um verdadeiro exemplo que pode inspirar muitas outras mulheres por toda a Europa. Maria Ana sempre teve dois sonhos e optou por não escolher entre eles, agora concretiza os dois todos os dias.”

Esta empresária deve o seu sucesso a si própria e ao seu perfeccionismo. As suas grandes paixões são a advocacia e o ballet e, por incrível que pareça, consegue arranjar tempo para fazer as duas coisas. Como vai poder perceber, as duas vertentes sempre estiveram presentes na sua vida e, felizmente, Maria Ana não precisou de abdicar de nenhuma delas. Vive agora no Luxemburgo, já passou pela Alemanha e desde que foi fazer Erasmus, não voltou a morar em Portugal.

O que faz desta mulher uma líder de sucesso? Simples. É a sua personalidade, o facto de ser uma pessoa que ouve os seus colaboradores e que, em vez de mandar fazer, trabalha com eles em conjunto. Porque confia plenamente na competência e responsabilidade das pessoas que escolhe para trabalhar consigo, adianta que diz “sim a tudo e dizendo que sim a tudo, o trabalho é feito impecavelmente porque os funcionários estão felizes”.

Da faculdade ao seu escritório de advocacia

Maria Ana entrou na Universidade Nova de Lisboa e decidiu enveredar pelo curso de Direito. No seu terceiro ano, um professor propôs-lhe que fosse fazer Erasmus para a Alemanha, um conselho que decidiu seguir e que mudou a sua vida. Ao fim de seis meses pediu para ficar em Erasmus mais tempo e, entretanto, tirou um mestrado em Direito Europeu. Estagiou num escritório de advogados durante um ano, que também tinha escritório no Algarve e diz que teve “a sorte de poder trabalhar com clientes portugueses e alemães. Gostei muito de estar esse ano nesse escritório”.

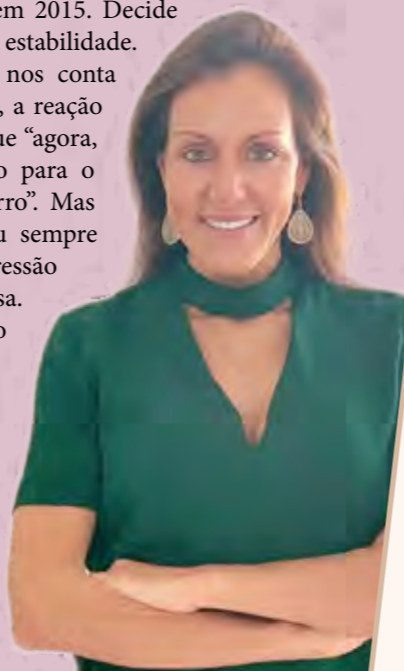
O gosto pela vida no estrangeiro crescia cada vez mais e decidiu pedir à Universidade Nova para concluir o curso enquanto acaba o mestrado em Bremen. O pedido foi aceite e, mais tarde, foi convidada a ficar na Alemanha, após finalizar

o L.L.M na universidade de Saarbrücken.

Segue-se a ida para o Luxemburgo, um capítulo que iniciou com uma sugestão do seu anterior professor de direito comunitário. Candidatou-se ao Tribunal de Justiça, na área de tradução jurídica, e foi aceite para um estágio. É assim que em agosto de 2006 muda novamente de país, “no fim do estágio propuseram um contrato de dois anos e aceitei. Gostei muito de trabalhar lá e fiquei como jurista linguista do Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias”.

Maria Ana decide então ficar no Luxemburgo, num país onde estava sozinha, e tentou a sua sorte na Ordem dos Advogados. Comenta que foram dois anos complicados porque as cadeiras eram dadas em diversas línguas, mais um desafio que ultrapassou com distinção. Teve a felicidade de estagiar durante dois anos num escritório prestigiado no Luxemburgo, lugar onde permaneceu durante mais seis anos.

A advogada encontrava-se numa boa e estável fase da sua vida quando engravidou em 2015. Decide comprar casa e “abandar” a estabilidade. É com um sorriso que nos conta que, quando se despediu, a reação do seu patrão foi dizer que “agora, em vez de ires de carro para o trabalho, vais de autocarro”. Mas foi uma porta que ficou sempre aberta, sinal da boa impressão que deixa por onde passa. Abriu então o seu próprio escritório de advocacia - o “Real Avocats à la Cour” – a “melhor decisão” que podia ter tomado.



26, BOULEVARD GRANDE-DUCHESSE CHARLOTTE, L-1330 LUXEMBOURG
 TELF.: (+352) 246 990 31 | FAX: (+352) 246 990 62
 WWW.REALAVOCAT.COM | E-MAIL: MREAL@REALAVOCAT.COM

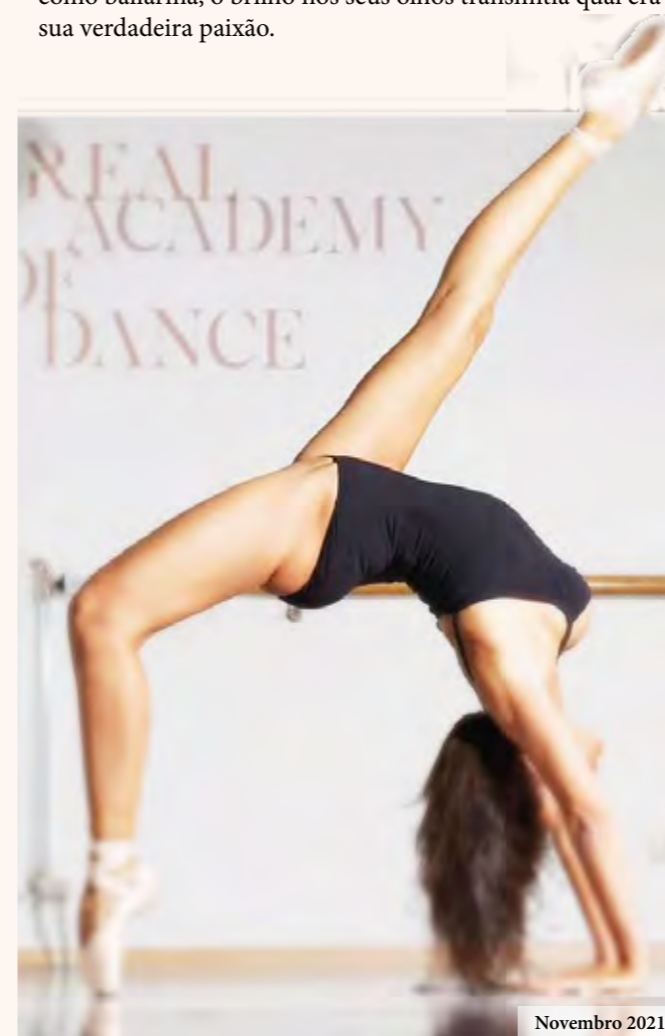
A dança clássica

Em todo este percurso, o ballet nunca foi esquecido, bem pelo contrário. Começou a dançar no Colégio Moderno, aos quatro anos, e foi assim que esta modalidade se tornou uma paixão. Aos 13 anos ingressou no Conservatório, onde aperfeiçoou o seu talento. Por lá permaneceu durante três anos, mas decidiu sair porque “o programa académico não era igual ao programa de uma escola normal e porque vi que a vida ia passar por muita competição”.

Enquanto estudava, durante o secundário e a faculdade, continuava a dançar na Royal Academy of Dance, mas com a ida para a Alemanha acaba por deixar esta paixão em pausa. Ainda assim dava aulas de ballet e dançava profissionalmente para poder continuar a estudar no país.

Quando se mudou para o Luxemburgo, na azáfama de orientar o seu novo negócio, permaneceu alguns anos sem dançar e o foco passou a ser o Direito. Com muita dedicação, o escritório foi crescendo e com a contratação de novos colaboradores, começou “a ter tempo para mim, por isso, resolvi abrir a minha escola de ballet, que era o meu grande sonho”. Ganhou assim forma a sua “Real Academy of Dance”. Entretanto decide tirar um curso de três anos na Royal Academy of Dance, para ficar certificada como professora, algo que concluiu no ano passado.

Na sua escola existem professores e alunos de todas as nacionalidades, num ambiente multicultural, onde a felicidade de todos é bem visível. O quotidiano de Maria Ana faz-se em várias línguas, as quais domina com a mesma leveza com que dança. Enquanto nos contava o seu percurso como bailarina, o brilho nos seus olhos transmitia qual era a sua verdadeira paixão.



Novembro 2021



Novembro 2021



Como conciliar tudo

É caso para dizer que quem corre por gosto, não cansa. Só com muita organização é possível conciliar estes dois mundos, o que até parece fácil quando se faz realmente o que se gosta, em tão bom ambiente de trabalho. “Não há um dia da minha vida em que me levante e não me apeteça ir trabalhar ou dançar”, diz-nos, concluindo que “ama verdadeiramente” o que faz.

Maria Ana está feliz e tem liberdade e muita energia para poder conciliar as suas paixões: a advocacia, o ballet e, claro, a sua família. “Despedir-me valeu muito a pena, foi o melhor que fiz”, preencheu o vazio que sentia e prova, assim, que realmente foi bom “trocar o carro pelo autocarro”. Não há nada que a faça mais orgulhosa do que ver os seus colaboradores e alunos felizes, “é tudo para mim”.

239, VAL DES BONS-MALADES | 2121 LUXEMBOURG
 TELM.: (+352) 621 761 663 | TELE.: (+352) 26 31 18 12
 WWW.WORKOUTBALLET.COM
 E-MAIL: BALLET.LUXEMBOURG@WORKOUTBALLET.COM



Ana Cristina Costa: “Tenho um grande orgulho neste percurso de dez anos em Angola”

Nascida em Lisboa e criada em Vila Nova da Barquinha, Ana Cristina Costa mudou a sua vida para Angola em 2012. Daí para cá foram dez anos de profunda evolução profissional e pessoal. Um percurso recheado de trabalho e sucessos, como mulher, mãe, gestora e estrangeira num país africano. É isso que lhe damos a conhecer nesta entrevista.

A educação e o conhecimento podem fazer a diferença na vida de uma mulher e mudar decisivamente o rumo do seu futuro. Ana Cristina Costa é a prova viva disso mesmo. CEO do AFRIGROUP Angola, Administradora da PROTTEJA SEGUROS, professora universitária, consultora financeira e autora de vários livros. Natural de Lisboa, Ana Costa cresceu em Vila Nova Barquinha (distrito de Santarém), antes de regressar à capital portuguesa, já com a sua primeira filha. Foi mãe solteira muito jovem, algo que não a impediu de lutar para alcançar os seus objetivos. Começou a sua carreira profissional na Air Liquide S.A, altura em que decidiu enriquecer a sua formação pessoal: “tive disponibilidade financeira para apostar na minha formação e foi muito bem aplicado, porque efetivamente deixou resultados.” Teve um notável percurso académico, o que lhe permitiu destacar-se nas áreas de relato financeiro, finanças empresariais e fiscalidade, planeamento e gestão fiscal. Um reconhecimento que lhe trouxe o convite para assumir o cargo de professora assistente no ISCAL (Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa) e para participar como coautora nos seus primeiros livros.

A mudança para Angola, em 2012, permitiu-lhe progredir



e crescer profissionalmente sendo hoje reconhecida pelo seu trabalho como consultora de conselhos de administração de grupos de renome: “vim para dar formação, conseguir depois abrir o meu próprio gabinete de contabilidade e auditoria. A notoriedade profissional que me têm dado, levou-me a ser também consultora do Conselho de Administração de grupos conceituados como a IMPORÁFRICA, que é a representante da KIA em todo o território nacional.” A maturidade e a larga experiência profissional permitiram-lhe ocupar o cargo de Administradora Executiva Financeira da PROTTEJA SEGUROS, que se encontra no décimo lugar, das 28 companhias de seguros em Angola.

O caminho que tem trilhado, nesta última década, tem sido notável como mulher e como mãe, especialmente num continente onde os cargos de liderança são maioritariamente, ainda hoje, masculinos: “o continente africano é muito machista, é muito difícil ter cargos de liderança junto de tanto machismo, o que é normal nos países africanos, e em Angola é realmente muito acentuado”. Apaixonada e dedicada à vocação de ensinar e à partilha de conhecimento, Ana Costa diz que “não é professora por obrigação, é mesmo por dedicação”. Por isso dá conselhos sobre medidas essenciais para fomentar a economia e a gestão das empresas, a quem aposta no seu próprio negócio, através das suas redes sociais: “eu gosto de partilhar informação, e dou algumas dicas a quem não tem verbas financeiras, mas estão a arrancar com as suas start-ups, com os seus negócios.” A sua preocupação é realmente ajudar as pessoas, para que não se “metam em dívidas”, e consigam alcançar o seu sustento, numa economia em que o mercado informal é muito elevado.

Numa altura em que a economia do país africano se encontra estagnada a empresária considera que o governo angolano está a trabalhar para reverter a situação: “há um esforço muito grande para haver uma disponibilização de verbas financeiras, linha de crédito internacional de apoio a estas iniciativas.” E defende que é essencial olhar para a livre concorrência, para a qualidade do produto e do serviço e para os hábitos do consumidor. Uma nova realidade para a qual considera que os empresários em Angola não estavam preparados.

A história que tem vindo a escrever, recheada de sucesso e

de conquistas, levou a empresária a abraçar um novo repto que tem exigido um grande esforço físico e familiar – assumir o cargo de administradora executiva da PROTTEJA – “é um desafio muito diferente do que fazia até então, porque o sector da atividade seguradora é alucinante. O ritmo, a audácia, os custos, os proveitos, os meios de controlo, são realmente muito intensos”. Com todo este percurso e experiência em Angola, a administradora considera que a evolução nas mudanças de comportamento, na intelectualidade e no esforço tem sido notória no país. E enaltece igualmente a estabilidade económica e o arranque promissor do setor industrial.



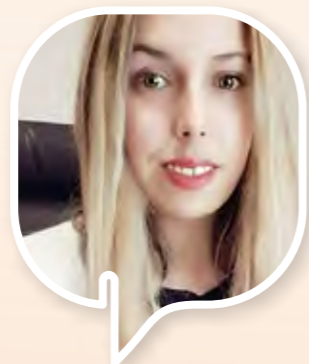
Orgulhosa do trajeto que trilhou ao longo da última década, Ana Cristina sente que o esforço valeu a pena: “tenho um grande orgulho deste percurso. Ser uma mera formadora para passar a ser uma administradora de uma companhia de seguros. Foram muitas horas de trabalho, fora do convívio da família, mas que agora acaba por ser muito compensador.”

REDES SOCIAIS: @ANACRISTINACOSTANOG | WWW.AFRIGROUPANGOLA.COM

§

A SINGULARIDADE DE 2022 NO PANORAMA ECONÓMICO-FISCAL

por Carina Soares, Advogada na Carina Soares Advogados



O ano de 2022 é marcado pela singularidade em que teremos dois orçamentos a serem discutidos na Assembleia da República. Um primeiro, respeitante ainda a este ano de 2022, que, em princípio, com alguns ajustamentos decorrentes das discussões ocorridas durante a campanha eleitoral, em que houve promessas de descida de alguns impostos, o panorama atual indicia que será a mesma proposta que o Governo apresentou em outubro de 2021.

Verificou-se umas eleições fortemente marcadas pelo tema da fiscalidade, face à atual situação económica e social, apesar de se verificar alguma recuperação com um crescimento do PIB acima dos 4%. O Governo prometeu mais medidas para as empresas e na campanha eleitoral foi discutido que havia medidas a menos e, naturalmente, o tecido empresarial tem a expectativa que sejam contempladas medidas de estímulo e de simplificação fiscal.

Ademais, as empresas continuam com a “responsabilidade” de serem o motor da recuperação, com o antagonismo de termos um quadro de tributação bastante singular em que, para além das taxas nominais de IRC, temos um quadro muito denso no âmbito das contribuições sociais, e ainda temos a singularidade (face ao panorama internacional), das tributações autónomas. Regime este no qual determinados gastos em que as empresas incorrem, além de não serem dedutíveis, acresce uma tributação, fazendo

com que seja uma despesa indesejável pelas empresas. Como, por exemplo, as despesas de promoção ou despesas sem justificativo, as aquisições de automóveis que, se não forem justificadas com a atividade, terão um encargo adicional. E, aqui, poderá subentender-se estarmos, de certo modo, perante um IRC “infiltrado”.

Daí que, quando seja abordada a questão da taxa nominal, seja necessário termos a noção de que não é apenas os 21% mais as derramas, mas também toda a carga fiscal subjacente sobre as empresas, destarte termos um tecido empresarial predominantemente dominado por PME’s (Pequenas e Médias Empresas), existe também alguma dificuldade nas novas empresas em crescerem e muitas delas não estão cotadas em Bolsa, caracterizando-se por um tecido empresarial frágil, com pouca formação, financeiramente débil e, principalmente, decorrente da pandemia, estas PME’s têm dificuldades de tesouraria.

Além de que, para quem lida diariamente com investidores e tem de expor o nosso sistema fiscal, este não será atraente, a par de um Regime do Residente Não Habitual não

incentivador com uma lista das profissões abrangidas reduzida. O que gera um quadro pouco favorável ao investimento estrangeiro e não será o lado fiscal do orçamento que o fomentará.


Neste cenário, vislumbra-se uma situação de descapitalização e de pouco incentivo à captação de investimento, que deveria estar presente no Orçamento de Estado, além de uma priorização da justiça fiscal, caracterizada por uma relação difícil, a par da dimensão das taxas, entre a Autoridade Tributária e as empresas, verificando-se, neste âmbito, uma situação complicada em que o número de pendências nos Tribunais Administrativos e Fiscais é avultado face ao número das pendências que são decididas. E, de facto, esta questão da justiça fiscal tem enormes implicações na gestão das empresas, verificando-se um caso paradigmático em que, por quanto mais tempo perdurar a pendência judicial, a parte de certo modo mais fraca, acabará por ceder e fazer um acordo impulsionado por um sentimento de querer resolver o assunto e, todavia, nem sempre esse acordo lhe é favorável, decorrente de uma justiça não célere.

Pois, entre as medidas a manter da proposta do Orçamento de Estado para 2022, antevê-se que sejam mantidas (e não se verificando a descida da taxa de IRC sobre as empresas): o término do pagamento especial por conta

(PEC); o crédito fiscal ao investimento (uma espécie de incentivo fiscal às empresas que invistam, mantendo os postos de trabalho e não distribuindo lucros e, neste âmbito, as empresas poderão abater à coleta de IRS 10% do investimento caso seja inferior ou igual à média do investido nos últimos 3 anos, ou 25% se ultrapassar a média); a “patente-box” (as empresas que vendam patentes e modelos industriais relacionados com a atividade de investigação e desenvolvimento deverão ter um alívio fiscal adicional); taxa reduzida de IRC para as empresas que aumentem salários (sem cortar postos de trabalho).

E, atendendo ao calendário político, não teremos um orçamento de estado aprovado antes do final de março ou no início de abril de 2022.

Relativamente ao segundo orçamento de 2022 a ser discutido em outubro para vigorar em 2023, em relação a esse, há enormes expectativas e poder-se-á antever algumas possibilidades de alterações, face também às medidas prometidas pelo Governo para as empresas, num quadro de medidas para alavancar a economia, num momento em que é necessário capitalizar as empresas.

Pelo que poderá haver a possibilidade de algumas novidades nesta matéria, com a introdução de medidas que visem a alavancagem da economia, como sejam os subsídios, os diferimentos de pagamentos de impostos, moratórias, a capitalização, o aproveitamento em simultâneo do PRE, assim como medidas que visem premiar pela via fiscal (sob a forma de um crédito fiscal), com a revisão do regime das tributações autónomas em sede de IRC. 





“Hoje em dia temos clientes que são nossos amigos e que estão connosco desde o início.”

A TecJob nasceu há cinco anos e dedica-se ao fabrico de sinalização fotoluminescente de segurança e identificação. Tudo começou numa sala de reuniões emprestada, “muito pequenina”, mas que rapidamente teve de crescer. Susana Gonçalves é a CEO da empresa sediada em Grândola, no Alentejo, e falou-nos do seu percurso de sucesso. Foram cinco anos de crescimento sustentado rumo a um futuro que se augura promissor, tudo alicerçado numa equipa que “veste a camisola”, à imagem da sua gestora.

A Susana Gonçalves decidiu arriscar no seu próprio negócio ao mesmo tempo que se mudava com a família de Braga para Grândola. Considera-se uma mulher empreendedora? Como se define enquanto gestora e líder?

Sou uma mulher que preza a sua independência e que gosta de se sentir realizada, o que alimentou muito o meu espírito empreendedor. Construir o meu próprio negócio permitiu-me não só contribuir para essa autorrealização, como adereçar questões que eu considerava importantes neste setor. Faço questão que a Tecjob ande de mãos dadas com a inovação, que tenha a capacidade de arriscar e que ofereça aos clientes exatamente aquilo de que necessitam. É com base nestes ideais e objetivos que lidero os meus colaboradores. Gosto de pessoas motivadas, prontas para aprender e com ambição. Gosto que as pessoas com quem trabalho “vistam a camisola” da empresa e que se sintam em casa quando estão a trabalhar. Penso que só desta forma conseguimos entregar um produto com qualidade aos nossos clientes. Incentivo a

participação de todos no crescimento do negócio, ouvindo as suas ideias e expectativas. Por outro lado, comprometo-me a ensinar-lhes tudo o que sei e apoiá-los para que evoluam profissionalmente, porque a Tecjob também cresce quando os seus colaboradores crescem. No fundo, a equipa é como uma família e tiramos todos proveito disso.



Vestir a camisola, como disse, é algo a que dá muita importância e que é fundamental em qualquer equipa de trabalho. Como consegue incutir esse espírito na Tecjob?

Neste momento somos nove elementos na Tecjob. Encontrar as pessoas certas para o lugar certo é um desafio, como será sempre toda a gestão de pessoas. No entanto, acredito que a equipa que temos vindo a construir está perfeitamente enquadrada nos objetivos da empresa e motivada para aqui estar. Estamos todos sujeitos a um grande nível de exigência por parte do mercado, mas determinados em exceder, todos os dias, as suas expectativas. É uma equipa muito jovem, com imenso para aprender ainda, mas, ao mesmo tempo, com muitas ideias e energia. Temos apostado cada vez mais numa comunicação interna transparente, que permita que todos tenham voz aqui dentro e que se sintam valorizados. Neste sentido, acho que estamos num bom caminho.

A TecJob produz todo o tipo de sinais relativos à segurança de pessoas, desde sinalização contra incêndios, perigos, emergência e até sinalética identificativa. É uma área em que é preciso estar sempre um passo à frente antecipando riscos para os evitar. Esta ideia pode aplicar-se também à forma de gerir uma empresa?

Completamente. Não se consegue gerir uma empresa sem ter um plano prévio de como o fazer. É algo que requer muita ponderação, cedências, jogo de cintura e, acima de tudo, planeamento. Entramos em todos os meses com objetivos muito bem definidos, quer no que respeita a vendas como a ações que estejamos a desenvolver internamente (em relação à equipa, aos nossos produtos ou ao atendimento ao cliente, por exemplo). Desta forma conseguimos estar, tanto quanto possível, um passo à frente das adversidades que possamos vir a encontrar e permite-nos ter sempre um plano B.

Pegando em palavras suas, o sucesso da empresa alcança-se com a proximidade ao cliente, a capacidade de resposta e a inovação. Continua a ser assim?

Há de ser sempre assim. O nosso produto diferencia-nos no mercado, sem dúvida, mas aquilo que mais capta a atenção das empresas que trabalham connosco é a relação que estabelecemos com elas, todo o empenho que colocamos na nossa capacidade de resposta e a nossa constante preocupação com a inovação. Hoje em dia temos clientes que são nossos amigos e que estão connosco desde o início. Uma das nossas principais preocupações é dar uma resposta rápida e clara a todos os que nos contactam, seja qual for a necessidade. Fazemos também questão de saber a opinião

dos nossos clientes em relação à nossa empresa através de inquéritos de qualidade anuais. Isto ajuda-nos a melhorar e a manter a boa relação que temos com o cliente. Sabemos que, nesta área, o tempo é escasso e os prazos são apertados, pelo que temos como filosofia que nenhuma encomenda pode demorar mais de 48 horas para ser expedida. Essa rapidez e constante contacto com o cliente, seja qual for o departamento da empresa em que determinada encomenda se encontra, torna-nos muito competitivos no mercado. A inovação vem por acréscimo a todo o feedback que recebemos a partir daqui. Ouvindo as opiniões e estando atualizados daquilo que está presente no mercado conseguimos inovar naquilo que parecia não ser possível. A nossa gama Premium by Tecjob é um ótimo exemplo disso.

O slogan da empresa “We never stop perfecting what’s already perfect” demonstra o caminho de procura da melhoria contínua?

Sem dúvida. O nosso slogan é a nossa filosofia. É aquilo que temos em mente sempre que entramos pela porta de entrada para dar início a um novo dia de trabalho. O segredo do negócio está em nunca nos sentirmos demasiado confortáveis e em não nos conformarmos com aquilo que não parece ser passível de mudança.

Sendo a personalização um dos pontos fortes da TecJob, lançaram entretanto a marca Million Gifts. Esta é precisamente dedicada a artigos personalizados, brindes, presentes e até decoração. Como têm sido os primeiros passos desta nova empresa? Há muita procura por este tipo de produtos?

Acredito que a Million Gifts tem muito para dar. Estamos agora a dar início ao arranque desta empresa, num mercado que se revela cada vez mais exigente. Hoje em dia somos constantemente alvo de demasiados estímulos. Existe muita oferta no mercado e acaba por ser difícil diferenciarmos nele. O consumidor passou a comprar experiências e não produtos e é isso mesmo que a Million Gifts quer oferecer. Queremos que o cliente tenha um papel ativo na personalização das suas encomendas e pretendemos mostrar que, desde que tenhamos as ferramentas certas, não há impossíveis. Estamos aqui para fazer acontecer. Personalizamos todo o tipo de coisas: material de escritório, roupa, brindes para festas, decoração para a casa e até aplicamos a nossa iluminação fotoluminescente a fotografias, posters e papel de parede. Não querendo parecer demasiado poética, aqui o céu é o limite.

WWW.TECJOB.PT



A Festa dos Tabuleiros em Tomar aguarda resposta à candidatura a Património Imaterial Nacional, o primeiro passo para ser elevada a Património Imaterial da Humanidade da UNESCO. Quando alcançar este objetivo, esta celebração ancestral vai integrar a prestigiada lista de bens culturais intangíveis do mundo. Ao contrário de um monumento ou de uma paisagem natural que existem por si só, este tipo de património vive através de práticas sociais e culturais - e é precisamente aqui que reside a sua singularidade.

Quando pensamos em património é quase instintivo visualizarmos um monumento ou uma obra de arte. Mas entre os vários tipos de património que existem a nível nacional ou da UNESCO há um cuja natureza é mais frágil dada a sua intangibilidade. Falamos do Património Imaterial que para existir precisa de ser dinamizado. São exemplos deste património as tradições orais, artes performativas, ofícios tradicionais ou práticas radicadas na natureza. A Capoeira no Brasil, o Flamenco em Espanha, a Gastronomia francesa ou o Yoga na Índia, por exemplo, são bens imateriais que culturalmente nos são próximos. Este tipo de património específico assume “formas infinitas”, como sublinha a UNESCO, e “é uma fonte da criatividade humana e diversidade cultural”.

Com a globalização, o êxodo rural e o turismo - que, se por um lado atrai inúmeros visitantes em Portugal para o património, dada a sua massificação corre o risco de desvirtuá-lo - há tradições que correm o risco de desaparecer. A Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO (2003) de que Portugal é signatário surgiu precisamente para proteger legalmente este património e contribuir para a sua passagem às gerações futuras. Até 2021, Portugal inscreveu na lista de Património Cultural Imaterial da UNESCO sete “bens” culturais: as Festas do Povo de Campo Maior; o Fado; a Dieta Mediterrânica; o Cante Alentejano; a Produção de Figurado de Barro de Estremoz; o Carnaval de Podence; a Manufatura de Chocalhos; e o Processo de confeção da louça preta de Bisalhães.

Desde a Convenção a UNESCO considerou 639 elementos oriundos de 139 países como Património Imaterial da Humanidade. O Comité da Convenção reúne anualmente para avaliar as nomeações propostas pelos vários países que, antes de candidatarem um elemento a Património Imaterial da Humanidade, devem considerá-lo primeiro, entre portas, Património Imaterial Nacional.

É neste patamar que está a Festa dos Tabuleiros em Tomar cujo Executivo, em parceria com o Instituto de História Contemporânea, preparou o dossiê de candidatura. Deste constam aspetos como informação etnográfica e histórica sobre a festa e as ações em torno da salvaguarda da celebração. Com vários séculos de existência a Festa Dos Tabuleiros é uma das mais antigas e grandiosas do país levando a cada quatro anos à cidade dos Templários centenas de milhares de pessoas. É uma celebração feita pelo povo e para o povo - são aliás os tomarenses que decidem se vai ou não haver festa.

A Festa Dos Tabuleiros tem ligações ao culto do Espírito Santo e ao chamado “milagre das rosas” da rainha Santa Isabel, uma lenda que sobreviveu até ao século XVI quando Tomar era já uma sede templária e havia entre os senhores feudais uma tradição de ofertar pão, vinho e carne entregues em tabuleiros aos mais pobres. Hoje os tabuleiros levam 30 pães, são ornamentados com flores e encimados por coroas e têm a altura das centenas de raparigas que os transportam, acompanhadas pelos respetivos ajudantes no longo caminho pelas ruas enfeitadas da cidade.

Durante a nossa permanência em Tomar apercebemo-nos da omnipresença da Festa e do quão é acarinhada por todos. Um dos testemunhos referiu mesmo o ambiente social único que se vive em ano de festa em termos de espírito de cooperação, solidariedade, entrega e dádiva. Palavras que não podiam encaixar melhor na definição de Património Imaterial da Humanidade enquanto património vivo que “aproxima os seres humanos e as comunidades”.

Um património vivo

Festa dos Tabuleiros de Tomar

A festa do povo a Património de todos



É uma festa imensa que consegue juntar em Tomar, num só dia, mais de 700 mil pessoas. É por isso uma das maiores do mundo, e a mais significativa de todas as celebrações do Espírito Santo que ainda subsistem. A Festa dos Tabuleiros de Tomar justifica largamente a elevação a Património Imaterial Nacional e da Humanidade. Fomos perceber em que ponto está a candidatura, numa visita guiada à bela cidade dos Templários, pela Presidente da Câmara, Anabela Freitas. Redescobrimos um concelho cheio de história e tradição, mas onde se respira também futuro e inovação.

Assim que se chega a Tomar não demora muito a perceber a importância da Festa dos Tabuleiros para a cidade. Ainda em plena estrada nacional, somos recebidos na rotunda norte-Calçadas por um belo mural, da autoria de Silvia Marieta, onde a Festa ocupa lugar de grande destaque. Ressalta o detalhe dos tabuleiros e o ar de felicidade das raparigas e rapazes ali retratados. Já no centro de Tomar não há lugar onde se entre, seja um café, um restaurante ou qualquer instituição da cidade, que não tenha um tabuleiro exposto.

Ainda antes de subirmos para o gabinete da Presidente da Câmara de Tomar, cá fora, na icónica Praça da República, Gualdim Pais parece velar por todos os tomarenses. A imponente estátua do fundador da cidade lembra-nos a antiguidade e a nobreza deste lugar. Já na escadaria de acesso ao piso superior da Câmara Municipal é sem surpresa que nos deparamos com mais um tabuleiro. Desta vez acompanhado pela frase, escrita em azulejo: “O povo é quem mais ordena”. De imediato somos remetidos para a “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso e para momentos de grande comunhão e júbilo popular. A frase, tantas vezes repetida nesse período revolucionário do 25 de Abril de 1974, pode também ser aplicada à Festa dos Tabuleiros. É o povo que decide se há festa ou não. “E aquilo que a população decidir é aquilo que nós iremos ajudar a materializar, porque a festa é efetivamente feita pelos tomarenses”, diz-nos Anabela Freitas, a Presidente da Autarquia.

A Festa dos Tabuleiros realiza-se a cada quatro anos, tendo a última sido em 2019, ainda antes da pandemia. Por aquilo que pudemos perceber de todas as pessoas que ouvimos por estes dias, em 2023 a tradição voltará a cumprir-se. “É o único evento em Tomar que consegue efetivamente unir todos os tomarenses. Sejamos nós de esquerda, de direita, do Sporting, Benfica, FC Porto, não interessa. Cores partidárias, cores clubísticas, diferenças que possam existir, tudo isso é esbatido com a Festa dos Tabuleiros”, garante-nos a Presidente da Câmara.

As origens desta celebração remontam a tempos ancestrais em homenagem a Ceres, deusa romana das colheitas. A religiosidade chegou mais tarde, inspirada pela lenda do “milagre das rosas” da Rainha Santa Isabel. No século XVI surge então a tradição da oferenda de pão, vinho e carne. Estes eram levados pelas mulheres até à igreja, em tabuleiros, para depois serem oferecidos aos mais pobres.

Cada um dos tabuleiros leva 30 pães enfiados em igual número em cinco ou seis canas. Estas são presas a um cesto de vime e encabeçadas por uma coroa com a Cruz de Cristo ou a Pomba do Espírito Santo. As flores de papel completam a decoração, juntamente com espigas de trigo. O Cortejo que percorre as ruas da cidade ao longo de cinco quilómetros, cruzando o rio Nabão pela Ponte Nova e pela Ponte Velha, é presidido pelo Pendão do Espírito Santo e pelas três Coroas dos Imperadores e Reis. Seguem-se os Pendões e Coroas de todas as freguesias, com as centenas de raparigas que os carregam. Mais atrás vêm então os carros de bois do “sacrifício simbólico” com o pão, a carne e o vinho.

É ainda este ano que a Presidente da Câmara tem de questionar a população se quer que haja festa ou não. Nesse mesmo dia será eleito o ou a Mordomo da Festa – há três anos foi pela primeira vez uma mulher - Maria João Lima Moraes, professora no Agrupamento de Escolas Templários. A tarefa é hercúlea quando nos apercebemos de tudo o que tem de ser organizado no espaço de um ano apenas. Cabe ao Mordomo

reunir a Comissão Central da Festa, cada um com os seus pelouros. Tem ainda de “articular com todos os moradores das ruas se querem enfeitar a sua rua ou não, qual vai ser o tema, de que papel é que precisam para fazer as flores”, explicam-nos Anabela Freitas. Há ainda patrocínios para negociar, a organização do espetáculo cultural e só então os cortejos. Sim, porque são vários, numa festa que dura cerca de dez dias.

Quem passeia pela pacata e acolhedora Tomar não imagina que caibam aqui, num só dia, 750 mil pessoas. Foi o que aconteceu, na última edição, no dia do Cortejo Grande - a contabilidade foi assegurada por uma aplicação made in Tomar. A Smarter Fest, desenvolvida pelo Politécnico de Tomar e pela Softinsa, uma das grandes empresas a operar no concelho. Estima-se que na festa de 2019 estiveram presentes, no total, cerca de dois milhões de pessoas. Números que tornam a Festa dos Tabuleiros uma das maiores, não só do país, mas do mundo.



A candidatura a Património Imaterial da UNESCO

O que falta então para que a grande festa “do Povo, pelo Povo e para o Povo” seja elevada a Património Imaterial da Humanidade? Em primeiro lugar ser consagrada como Património Nacional, uma decisão permanentemente adiada, que a Autarca não pode “deixar de lamentar”. A candidatura foi entregue ainda em 2019 e, mais de dois anos volvidos, ainda não há resposta. “Dois anos para analisar um dossiê parece-me efetivamente demasiado e é uma expectativa grande que os tomarenses têm de candidatar a festa a Património Imaterial da UNESCO”, refere lembrando que tal não se consegue “sem antes obter a classificação de Património Nacional.”

Quando esse dia chegar, Tomar terá então dois Patrimónios da Humanidade reconhecidos pela UNESCO. Isto porque o impressionante Convento de Cristo já o é desde 1983. No próximo ano comemoram-se os 40 anos dessa designação, uma data redonda em ano de Festa dos Tabuleiros não poderia ser melhor mote para visitar Tomar.

É então com um passo de cada vez, mas firme e decidido, que a cidade dos Templários espera ver, ainda este ano, o reconhecimento da Festa dos Tabuleiros como Património Nacional. Uma garantia deixada pela Presidente da Câmara, até porque pensa que o dossiê entregue “está muito bem documentado.”

Os argumentos são claros e assentam nos “pilares dos valores que a festa comporta”, valores europeus e humanistas que se revelam na partilha do pão, do vinho e da carne. Algo que ocorre no encerramento da Festa, na segunda-feira seguinte ao Cortejo Grande, com a distribuição do bodo.

É um ano em que se respira um ar diferente em Tomar.



Os valores da festa transbordam a realização da mesma, e a generosidade e solidariedade invadem as ruas com as mesmas cores que as enfeitam. Há ainda o argumento da tradição, que está também devidamente documentado e que nos remete, por exemplo, para os “anos 50 do século passado quando se padronizou aquilo que são as vestimentas” oficiais da festa. O seu carácter educacional essencial para a candidatura à UNESCO revela-se na “passagem da tradição para as gerações vindouras”. Algo que se materializa no Cortejo dos Rapazes, dedicado aos mais novos.

Apesar de já ter assistido a “não sei quantas Festas dos Tabuleiros”, Anabela Freitas confessa que “quando é aqui o momento de erguer os cestos vêm-me sempre as lágrimas aos olhos, e espero que continue sempre assim, porque tenho muito orgulho em ser tomarense”. Este é o último mandato da Autarca, eleita em 2013, e a elevação da festa a Património Nacional será um legado seu, assim como as bases que ficam lançadas para chegar a Património da UNESCO.

Tomar multicultural e aberta ao mundo

Tomar é História e tradição, mas não se fica pelo passado. É um concelho com capacidade de atração de população, apostado na qualidade de vida dos seus habitantes e também no conforto e interesse de quem os visita.

Desde logo tem a vantagem de ficar estrategicamente a meio do país. Não só geograficamente no Centro, mas também numa posição central entre o litoral e o interior. A uma hora e meia de Lisboa e a cerca de duas do Porto, a cidade ribatejana é servida por excelentes acessibilidades.

Para além de todo o Património de que já falámos, Tomar tem ainda a “Sinagoga mais antiga do país e em perfeito estado de conservação”, lembra-nos a Presidente da Câmara. Um património judaico que, para além dos Templários, tem levado a um interesse crescente por parte de turistas norte-americanos, e mesmo de novos habitantes para o concelho. A comunidade norte-americana e britânica está em franco crescimento em Tomar ao ponto de ser necessário, em algumas freguesias, fazer os editais em duas línguas. O apoio aos residentes estrangeiros é articulado entre a Autarquia e a comunidade, numa relação de grande sucesso, que parece confirmar a tese de que os portugueses sabem acolher como ninguém. “A questão da imigração é importante até para aumentar o número de habitantes do concelho”, lembra Anabela Freitas.

Os turistas costumam ficar em Tomar dois a três dias, o que está dentro da média das estadias nas maiores cidades portuguesas, como Lisboa ou Porto. Até setembro os visitantes são sobretudo portugueses de todos os pontos do país. Com a chegada do Outono vêm os norte-americanos e os britânicos,

mas também Dinamarqueses ou Finlandeses, por exemplo.

“O nosso target são as famílias, historiadores, e quem goste deste tipo de turismo”, refere a Autarca. Para isso tem organizado, com os restaurantes e com a hotelaria local, “um conjunto de pacotes que nós possamos oferecer a quem nos visita para aumentar precisamente a permanência no território”. O turismo de eventos (culturais, recreativos ou desportivos) é outra aposta que veio para ficar, tentando mitigar as diferenças entre época baixa e época alta.

Para além do Património histórico e cultural, Tomar tem ainda no seu território essa enorme massa de água que abastece cerca de três milhões de pessoas - a Barragem de Castelo do Bode no rio Zêzere. As suas margens criam um paisagem natural “que convida, ainda por cima depois da pandemia, a que as pessoas saiam dos grandes centros e venham para estes territórios”.

Um concelho industrial e tecnológico

Para além de uma história que se mescla com a de todo o país, quase desde a sua fundação, Tomar foi muito marcada ao longo do século XX pela indústria e produção hidroelétrica. Com as mudanças dos tempos em todo o país, o tecido empresarial passou a ser formado por micro, pequenas e médias empresas. É também um concelho que tem todos os graus de ensino desde o pré-escolar até ao ensino superior. Assim, a aposta da Autarquia no seu modelo de desenvolvimento faz-se através da criação de “todo um clima, todo um cluster na área das novas tecnologias”.


Há várias multinacionais a operar no concelho - “não são call centers”, assegura Anabela Freitas - especializadas em desenvolvimento de produto. Já aqui falámos da Softinsa a propósito da aplicação da Festa dos Tabuleiros. Esta faz parte do grupo IBM assim como a Kyndryl. A estas duas junta-se a portuguesa Critical Software e, mais recentemente, a Air Liquid que deverá criar 150 postos de trabalho até ao final do ano, “essencialmente licenciados”, assegura a Presidente da Câmara. O objetivo é que o Politécnico de Tomar possa alimentar estes postos de trabalho numa parceria entre empresas privadas, instituições de ensino superior e Autarquia. “Um caminho que tem dado frutos.”

A questão da habitação é o défice detetado em Tomar, à semelhança de tantas cidades do país. “Somos o concelho do Médio Tejo onde o arrendamento é mais caro e somos o segundo concelho do Médio Tejo onde a compra de casa é mais cara”, alerta Anabela Freitas. A estratégia para combater a situação está delineada e assentará no Plano de Recuperação

e Resiliência, “com um mix de soluções”. Passa, entre outras, pela Construção nova em lotes da Câmara Municipal para os quais está a ser elaborado “um concurso de conceção e construção a custos controlados para depois colocar no mercado de arrendamento apoiado.”

A Autarquia espera também poder arrendar casas, algumas da Santa Casa da Misericórdia e outras do Ministério da Defesa, por exemplo. Isto porque Tomar sempre teve uma importante presença militar, como é facilmente visível por quem entra na cidade pelo Norte e se depara com o Regimento de Infantaria Nº 15.

O Plano Diretor Municipal (PDM) foi finalmente publicado em Diário da República, sendo que demorou “cerca de 20 anos a rever”. Ficam assim criadas mais áreas de localização empresarial, o que permitirá atrair ainda mais empresas.

Para além dos serviços básicos de água (com cobertura total no concelho) e saneamento, a aposta na rede de fibra ótica torna-se, nesta altura, também ela um bem essencial. Um canal de ligação ao mundo, com grandes velocidades de acesso à Internet assim como outros serviços suportados no digital, que já atinge 80% de cobertura em todo o concelho. Algo que terá contribuído, e muito, para a chegada das novas vagas de imigrantes estrangeiros a Tomar. Para além deste nó das digitais a Presidente da Câmara quer atrair trabalhadores da Função Pública que possam vir para o concelho em teletrabalho. O caminho está traçado e não terminamos a nossa conversa sem que nos garanta que até ao final deste ano Tomar terá “uma cobertura de 100% de fibra ótica”. 



TOMAR
CIDADE TEMPLÁRIA



“É uma vida bonita, mas é uma vida de dedicação”

Percebe-se que o compromisso com a causa pública tem sido a base da gestão de Augusto Barros, presidente da União das Freguesias de Tomar (São João Baptista) e Santa Maria dos Olivais. Reconduzido nas últimas Autárquicas para o terceiro mandato à frente da Freguesia Urbana pelo Partido Socialista, cabe ao político e à sua equipa trabalhar num território onde vive cerca de metade dos tomarenses, marcado por fortes assimetrias entre a zona urbana e a rural. A melhoria dos transportes e das estradas de acesso à cidade e o reforço do apoio alimentar em tempos de pandemia são apenas dois exemplos de uma Junta que tem na ação social a sua grande prioridade.

É notório que o presidente Augusto Barros é um autarca dedicado que, acima de tudo, se preocupa com o povo e o seu bem-estar. Não foi por acaso que iniciou a entrevista dizendo que "Isto vai do gosto (...) E quem não gostar de ser autarca mais vale não pensar nisso. É uma vida bonita, mas é uma vida de dedicação". Trabalha-se as horas que forem necessárias durante o dia "em prol do fazer mais, crescer mais", sempre em benefício da população, e é assim que Augusto Barros e a sua equipa têm vivido os seus mandatos.

Durante a conversa que a IN teve com o presidente ficou evidente todo o trabalho do autarca e da sua equipa sobretudo ao nível do espaço rural da freguesia. Na área correspondente à chamada Junta Urbana vive quase metade da população do concelho de Tomar - cerca de 38 mil habitantes, segundo os Censos de 2021. Embora todos os fregueses mereçam igual dedicação, há necessidade de estar mais próximo da população mais desprotegida que vive na periferia da cidade.

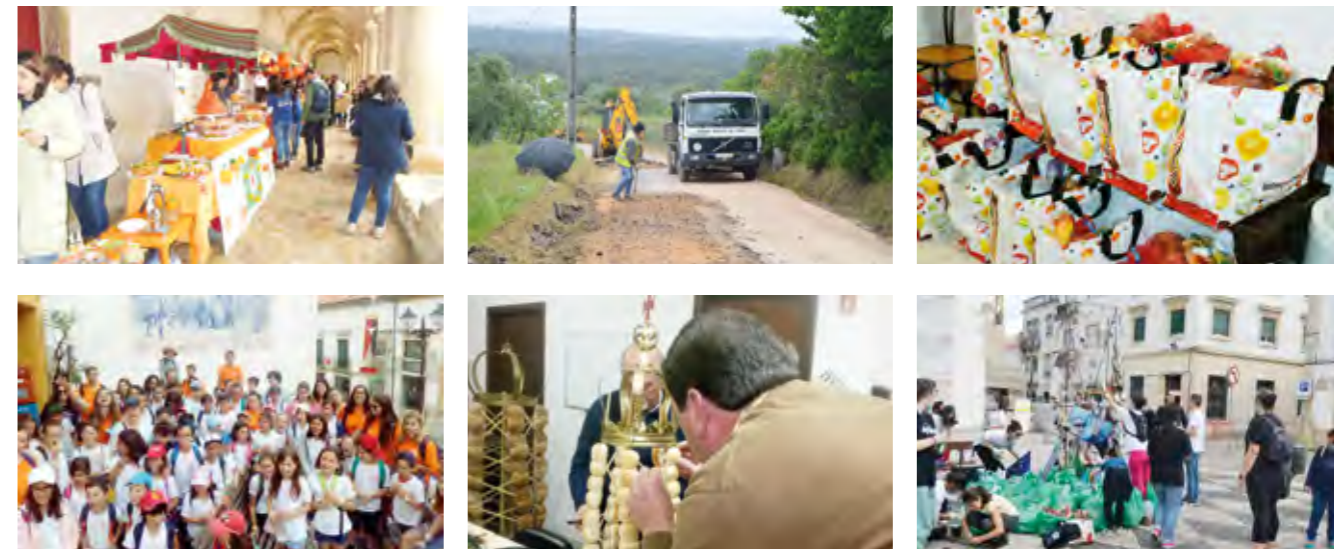
A melhoria da rede de transportes que passa pela aposta

em novos circuitos e em autocarros elétricos tem facilitado o acesso à zona urbana. Uma área em que a Junta desenvolveu, "ao nível dos 80 ou 90%", foi a pavimentação de estradas em más condições que são acessos diretos à cidade. A reorganização administrativa de 2013 que levou à união das freguesias, e a consequente "economia de escala" que daí decorreu, permitiu a realização deste tipo de obras e de outros projetos. Para a Junta "Este foi um passo de gigante".

Outra grande frente de atuação da Junta Urbana é a implementação do saneamento básico porque, para Augusto Barros, "neste século é inadmissível" que ainda haja pessoas sem esta valência. Uma realidade que, como lembra o autarca, é ainda muito comum no interior do nosso país.

Respostas sociais

Mas é a ação social que encabeça as prioridades da Junta Urbana. A reabilitação de bairros sociais como o 1º de Maio criou habitação para pessoas "que estavam há anos à espera



de uma casa". E embora a habitação continue a ser um grande problema, já foram recuperadas "cerca de 37 casas".

O apoio alimentar a famílias carenciadas que são identificadas pela própria Junta é considerado essencial e intensificou-se desde a fase pandémica. São fornecidos cabazes de emergência conseguidos através de parcerias, "e quando a comida não chega, vamos comprar", diz Augusto Barros. Quando as escolas fecharam durante o primeiro confinamento e sabendo que, para muitas crianças, esta representava a única refeição diária, a Junta alertou a Câmara. Ainda hoje esta atuação é motivo de orgulho para a equipa. O Executivo Camarário continuou a fornecer as refeições e a Junta de Freguesia a distribuí-las, tendo sido graças a esta pressão que este apoio passou a ser dado a nível concelhio.

No Natal, é também habitual a Junta Urbana oferecer cabazes, neste Dezembro foram 120, mas até aqui há uma preocupação em fazer um pouco diferente. Augusto Barros e a sua equipa sabem o que é oferecido por outras instituições e procuram completar esta oferta com o que fica a faltar, "como bacalhau e azeite", por exemplo.

A "Junta Repara" é um programa de ajuda social que também ilustra o tipo de resposta que é dado a franjas específicas da população. Há famílias carenciadas que, às vezes, necessitam de pequenas reparações nas suas casas e este programa foi feito exatamente para solucionar estes problemas.

Educação


A Junt'Anima é um dos programas mais acarinhados pela Junta e pela população. Crianças e jovens dos seis aos 14 anos participam em campos de férias de verão dinamizando várias atividades. Realiza-se desde 2014 e o número de candidatos costuma superar os inscritos, deixando saudades em quem participa.

Com a transferência de competências da Câmara Municipal para a Junta Urbana ao nível da educação, passou a haver uma maior proximidade com as escolas. Enquanto representante do Conselho Geral de Educação, Augusto Barros mantém-se também a par do que se passa no terreno. A intervenção nesta área tem passado pela formação de auxiliares e, por exemplo, "pela resolução do problema da insuficiência das casas de banho onde chega a haver um lavatório para 100 crianças", diz o Presidente. Contam para isso com a ajuda de mão de obra especializada, a mesma que ajudou na reabilitação do Mercado Municipal do centro de Tomar o qual "continua ativo graças a esta intervenção".

Com o Executivo Municipal a relação tem sido aliás "de sintonia". Todos os anos é habitual a Junta realizar algum tipo de intervenção dentro da zona urbana a qual é da responsabilidade da Câmara e que pode ser de natureza diversa. No ano passado, por exemplo, foi feita a pavimentação de uma estrada.

Cultura e Património

Quem entra na cidade pela parte norte pode ver um mural da autoria da artista Sílvia Marieta situado na rotunda das Calçadas. Criado em 2020 por iniciativa da Junta Urbana, representa a cultura e o património de Tomar e pretende ser o primeiro do género dinamizado por este órgão autárquico.

Incontornável é a famosa Festa dos Tabuleiros programada para 2023 que é antecedida por meses de trabalho contínuo e exigente. "Há quem vá para a Junta à meia-noite ou à uma da manhã para fazer a inscrição para levar tabuleiros", diz o Presidente lembrando que é possível fazê-lo pela Internet. Um processo que até já criou dissabores mas que, para um pragmático como Augusto Barros, revela sobretudo a importância que a Festa tem para a cidade. 



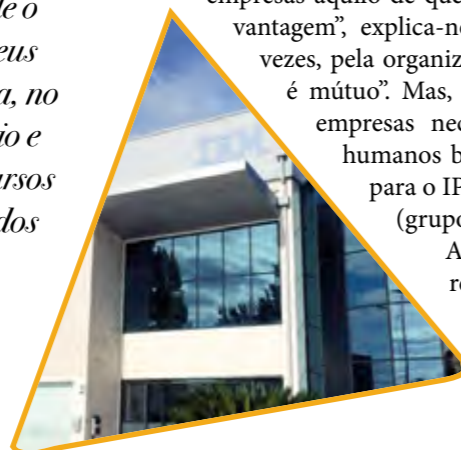
Politécnico de Tomar: vértice de formação e desenvolvimento da região

De olhos postos no desenvolvimento de todo o Médio Tejo, o Instituto Politécnico de Tomar (IPT) assume o papel de formar o talento essencial para dinamizar a região. Uma tarefa difícil, mas que tem conseguido levar a cabo graças a uma direção dinâmica, a parcerias estratégicas com empresas e a um corpo docente empenhado e solidamente formado. Nesta entrevista à IN Corporate, o Presidente do IPT não esconde o orgulho na instituição e nos seus estudantes. João Coroado deixa, no entanto, um alerta: é necessário e urgente valorizar e reter os recursos humanos altamente qualificados que o país produz.

Tomar e o seu Instituto Politécnico ficam no coração do país, rodeados por quatro capitais de distrito: Coimbra a norte, Leiria a Oeste, Castelo Branco a este e Santarém a Sul. Se não existisse o Instituto Politécnico de Tomar (IPT), toda esta zona do Médio Tejo correria o risco de ficar irremediavelmente para trás. É assim, com um papel fundamental no progresso da região, que o IPT assume como principal missão disponibilizar para o mercado ativos com conhecimentos e competências capazes de gerar desenvolvimento. Uma missão que tem implícita a necessidade de atrair tecido empresarial apto para cativar, reter e motivar talento, essencial para o desenvolvimento territorial. João Coroado, presidente do IPT, reitera essa missão, mas assume que não é uma tarefa simples: “é com talento que se gera evolução e nós, enquanto instituição, conseguimos reter algum, mas não o suficiente para toda uma região que exige uma maior consistência”.

O caminho passa por estabelecer parcerias entre empresas privadas, autarquias e instituições de ensino superior, uma aposta que “tem dado frutos muito interessantes, creio que todos temos ganho”, considera o Presidente. Assumindo um papel ativo na solução, o Politécnico adota a missão de desenvolver o seu trabalho na formação. “A ideia é dar a essas empresas aquilo de que elas necessitam para operar com vantagem”, explica-nos. Essa vantagem passa, muitas vezes, pela organização de formações “cujo interesse é mútuo”. Mas, acima de tudo, aquilo de que as empresas necessitam mesmo é de “recursos humanos bem formados”. Foi isso que levou para o IPT a Critical Software ou a Softinsa (grupo IBM).

A confiança na qualidade dos recursos humanos e a aposta na investigação científica, orientada para as empresas, neste caso ligadas às tecnologias de informação e comunicação são,



na opinião do Presidente, um dos alicerces principais para que as empresas se fixem e permaneçam no território.

Uma rede em desenvolvimento

Também o relacionamento com as escolas de onde chegam alunos ao Instituto Politécnico é essencial, mas João Coroado considera que há ainda muito trabalho pela frente. “Temos uma rede que não tem sido dinamizada da forma que todos gostariam. Mas para lá caminhamos, esse trajeto está a ser feito. É um trabalho muito atento de divulgação do trabalho desenvolvido, sempre com o objetivo de conseguirmos reter os nossos próximos ativos.”

O Presidente do IPT defende assim que este trabalho tem de ser mais incisivo para que se olhe com mais cuidado para esta região, fundamental no contexto da coesão territorial.



Os dois últimos anos foram tempo de organização interna, de forma a preparar uma maior expressividade da instituição para o exterior. A começar pela constituição de duas novas unidades de investigação e desenvolvimento, financiadas pela Fundação da Ciência e da Tecnologia, o Smart Cities Research Center (Ci2) e o Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (Techn&Art), para além de termos uma unidade de gestão da Unidade de Investigação Geociências sediada na Universidade de Coimbra, e também do conjunto de investigadores e de bolsiros de Doutoramento que permitiram à instituição de

ensino superior aumentar a capacidade de investigação, desenvolvimento e inovação. “Estamos envolvidos em dois consórcios do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência), no âmbito do Impulso Jovem e Impulso Adulto, um que se designa - Rede Politécnica A23, com o Instituto Politécnico da Guarda e o Instituto Politécnico de Castelo Branco”, e outro com o Instituto Politécnico de Santarém e a Escola Náutica Infante D. Henrique com o nome “Entre o Tejo e Mar”, ambos com a missão de formar jovens e adultos. Outra aposta são os projetos ligados à rede Erasmus e ao “Horizonte Europa”


que têm permitido a consolidação das redes europeias em que estamos inseridos. Ainda neste contexto deve ser sublinhado a Cátedra UNESCO - Cátedra de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território, que o Politécnico de Tomar detém dando relevo ao importante pilar do IPT que é o Património Cultural nas suas várias facetas.

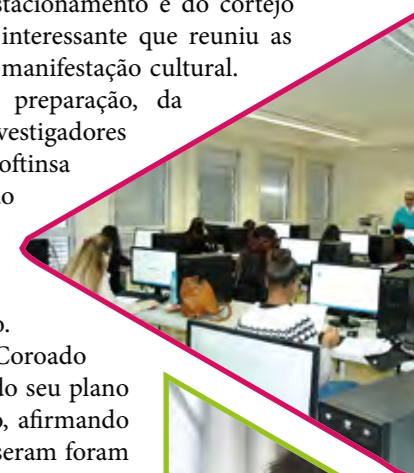
Valorizar a qualificação

Aliado ao papel dinâmico no progresso da região, o IPT desenvolveu, em parceria com a Softinsa, a aplicação Smarter Fest (Android e iOS) de forma a colocar a Festa dos Tabuleiros na palma da mão. Com diversas funcionalidades, a nova ferramenta permitiu ao visitante “sentir a Festa” em tempo real e consultar, de forma interativa, a agenda dos eventos, a localização dos parques de estacionamento e do cortejo principal. “Isso foi uma muito interessante que reuniu as forças públicas em prol de uma manifestação cultural. Tivemos conjuntamente nesta preparação, da qual resultou essa aplicação, investigadores do IPT, a disponibilidade da Softinsa e a cooperação da Proteção Civil através do Município de Tomar”, esclareceu o Presidente, assumindo que a experiência é para repetir já na próxima edição.

Na direção desde 2019, João Coroado faz um balanço muito positivo do seu plano de ação nestes dois anos e meio, afirmando que os objetivos a que se propuseram foram já em muito ultrapassados. Aponta o modelo do norte da Europa como exemplo de como se deveria organizar o Ensino Superior em Portugal. Ou seja, com mais de metade dos alunos inscritos em Universidades de Ciências Aplicadas, mais orientadas para uma carreira profissional – com uma função similar aos Politécnicos – e os restantes nas Universidades de Investigação. Assume, naturalmente, a defesa dos Politécnicos considerando que têm sido “conotados como o parceiro inferior”. Uma questão que espera ver reparada rapidamente.

Tendo em conta o panorama atual do país, o presidente do IPT defendeu que é urgente que se comece a valorizar as qualificações: “é importante que os nossos empresários rapidamente olhem e vejam mais-valias significativas nos ativos que têm grau superior.” E acrescenta: “ao estarmos a perder a nossa elite científica e cultural, não estamos a cuidar do nosso país.”

O IPT tem cerca de dois mil e quinhentos estudantes, colocados em mais de 60 cursos, distribuídos por três escolas, duas em Tomar e uma em Abrantes. Para conhecer toda a oferta formativa, acordos de mobilidade e outras valências disponíveis basta consultar o site do Instituto em www.ipt.pt. Não saímos de Tomar sem que João Coroado vincasse, com um sorriso, que os seus docentes “são dos melhores que há no mundo, e os estudantes do IPT irão ser os melhores profissionais que a região pode encontrar.” 



Um Agrupamento feito de escolas e de pessoas

Há quase 10 anos (28 de junho de 2012) nascia, em Tomar, o «Agrupamento de Escolas Nuno de Santa Maria» (A.E.N.S.M.).



Edifício do antigo Colégio Nun'Álvares Pereira

De entre as muitas peripécias que sempre acompanham o surgimento de algo novo, recordo agora o processo de escolha do nome. Foram muitas as sugestões: umas mais ingénuas, outras mais irónicas! Mas a verdade é que se optou por uma solução relativamente consensual. E o nome “Nuno de Santa Maria” foi o escolhido. E ficou, não por ser anónimo ou inócuo, mas por comportar em si aquilo que os envolvidos mais desejavam: que o novo agrupamento não apagasse as memórias e a herança do seu passado; que o novo agrupamento preservasse o que de melhor havia nas diversas escolas que agora dele fariam parte. Todos queriam que o novo agrupamento, quando olhasse para trás, soubesse de onde vinha, que história tinha sido a sua, qual a sua herança. E todos queriam que aqueles que calcorream os seus inúmeros corredores percebessem que essa sua escola – aquela onde tinham sido infinitamente felizes, onde tinham pregado as melhores partidas, onde tinham encontrado o amor da sua vida ou dado o seu primeiro beijo, onde tinham começado a aprender quem eram e a descobrir para onde queriam caminhar – que essa escola estava, afinal, ainda ali.

E está! Está aqui. Chama-se “Agrupamento de Escolas Nuno de Santa Maria”. E, a cada novo ano, reafirma o orgulho que tem na herança do seu passado e preconiza um legado para o seu futuro.



Escola Secundária Santa Maria do Olival

Orgulho do passado

Este é um Agrupamento que sabe que faz parte da história da cidade de Tomar.

Olhando para o que já fomos, orgulhamo-nos do que construímos, do que ajudámos a formar, do que fizemos nascer. E recordando os diversos edifícios onde fomos existindo ao longo dos anos, é com um travo de vaidade que olhamos e vemos médicos, professores, advogados, políticos, escritores, investigadores, arquitetos, engenheiros, empresários, programadores, dirigentes associativos, empreendedores, criadores, músicos, bailarinos, pintores, produtores, realizadores, atores, artistas... gente que faz a cidade, que faz a região e o país... como ex-alunos das escolas que formam o AENSM.

Vaidosos? Sim! E poderíamos não estar?

Nomear alguns desses nomes maiores que fazem parte da nossa herança seria, certamente, inconsequente e até imprudente. Mas nós sabemos quem são. Conhecemo-los ainda anónimos e acreditamos que os ajudámos a escrever o nome.

Orgulhosos do passado? Claro! De cada um deles...

Orgulho do presente



Educação Estética e Artística nas salas do pré escolar

Este é o Agrupamento que sabe que faz parte do presente de Tomar.

Todos os dias olhamos para quem somos, para o que fazemos e preocupamo-nos, visceralmente, em ser o melhor que podemos! Temos a nítida consciência de que, todos os dias, algumas centenas de famílias nos confiam – à nossa guarda e cuidado – o que há de mais importante nas suas vidas e por quem dariam, sem hesitar, as suas próprias vidas. Temos em nós – e sabemos-lo! – o que há de mais importante aqui e agora: os vossos filhos, os nossos alunos.

É por eles que lutamos, que experimentamos, que tentamos, que nos aborrecemos, que nos impacientamos, que corrigimos, que voltamos a tentar, que aferimos, que acompanhamos, que ajustamos, que propomos, que ajudamos, que testamos, e que, no fim, voltamos ainda a tentar, sempre à procura de sermos o Agrupamento que todos esperam que sejamos.

Orgulho nos resultados? Sim, mas... sem que os “resultados” sejam o nosso foco.

Temos, sobretudo, orgulho no nosso trabalho diário, desde os pequenitos do pré-escolar que com 3 anos participam no seu primeiro magusto, até aos jovens que no final do 12º ano entram nos melhores cursos e nas melhores universidades a nível nacional e internacional.

E temos orgulho naqueles que todos os dias aprendem o que não sabiam, experimentam o que não criam, descobrem o que não imaginavam, sentem o que não sonhavam e sonham o que não ousavam.

Temos orgulho nos projetos em que nos envolvemos, nas atividades que desenvolvemos, nas aulas que fazemos acontecer, no desporto que praticamos, no ensino articulado que integramos, na música, na dança, na expressão artística, no ensino profissional, nos trabalhos laboratoriais, nas tarefas de investigação, nas pesquisas que fazemos, na problematização que nos colocamos, na visão integradora e complementar do conhecimento, dos saberes e das competências.

Temos orgulho nos gestos de solidariedade, no respeito pela diferença e pela multiculturalidade que proclamamos, na integração que promovemos, na diversidade que defendemos, na atenção aos mais desprotegidos, na autonomia que incentivamos.



Sarau solidário no cine teatro Paraíso

Temos orgulho em não deixar ninguém para trás e em não deixar sozinho quem quer ir mais à frente.

E temos um enorme orgulho no nosso sentimento de imperfeição.

Legado para o futuro

Este é o Agrupamento que sabe que vai fazer parte do futuro de Tomar.

Hoje estamos profundamente convictos que a educação é um dos recursos mais importantes para qualquer comunidade encontrar as melhores respostas para os desafios vindouros e para se apetrechar para futuros imprevisíveis, mas certos. A nossa preocupação não se esgota nos sucessos de hoje, mas procura antecipar as soluções do futuro.

Este é um Agrupamento que decidiu construir um Projeto que dá resposta à Escola de Hoje, mas que preconiza um rumo em direção ao Futuro.

Fazemos (e faremos) o nosso caminho assente num paradigma de cultura colaborativa com docentes, alunos, funcionários, pais e comunidade, norteados por uma visão.

Seremos uma:

- Escola comprometida com a visão estratégica do país para a educação;
- Escola onde todos aprendem, participam e se envolvem;
- Escola de referência, excelência e bem-estar;
- Escola promotora de desenvolvimento local

(In Projeto Educativo, 2021-2025 | AENSM).

2022 – Um ano importante para o AENSM

É uma coincidência que neste ano letivo de 2021/2022 se celebrem várias efemérides no seio do AENSM. Desses vários aniversários destacam-se:

Jubileu de Estanho da criação do A.E.N.S.M. – Este é o 10º ano que vivemos como Agrupamento. Há uma década que deixámos de ser “várias escolas” para tentarmos ser “uma comunidade educativa”. Como em todos os relacionamentos, foi um tempo de aprendizagem e de ajustamento. Aprendemos que é muito importante saber ouvir, que é essencial fazermos entender e que só através do respeito por cada um e valorizando as diferenças e as complementaridades, conseguimos ser melhores e maiores.

“O estanho é um material conhecido pela sua maleabilidade. Por ser altamente maleável, possui ponto de fusão bastante baixo e por isso é muito utilizado para soldas, para o reforço de uniões que se querem duráveis. Além disso, sendo resistente à corrosão, pode simbolizar a defesa contra os pontos negativos dos intervenientes e destes relativamente ao meio em que vivem.”

Jubileu de Ouro da criação da Esc. Sec. Santa Maria do Olival – Celebram-se 50 anos sobre o Decreto-Lei (DL 447/71) que criou o “Liceu Nacional de Tomar”, mais tarde, “Esc. Sec. Santa Maria do Olival”, enfim... o “Liceu”.

Cinquenta anos é o tempo ocupado por duas gerações. São já vários aqueles que fizeram parte do “Liceu” como alunos e que hoje são professores ou pais, ou avós de outros que correm pelos mesmos corredores. Cinquenta anos é uma vida. É tempo suficiente para nascer, crescer e amadurecer. É tempo de colher e voltar a semear. É tempo de pegar na sabedoria amealhada e descobrir novos caminhos e novas respostas. É uma escola que se quer reinventar e reajustar; uma escola que prefere perspetivar o futuro, ao invés de ficar a admirar o passado.

«O ouro simboliza a perfeição, a iluminação, o conhecimento, a nobreza, a realeza e a imortalidade.» «Submetido ao calor, o ouro tem a capacidade de se moldar e adquirir novas formas.»

E assim é uma escola com 50 anos: valiosa, memorável, mas também moldável, flexível e renovável.

Mais do que um Agrupamento, somos, e queremos ser, uma comunidade!



Maria Celeste Sousa, diretora do Agrupamento



WWW.AENSM.PT

Centro de Formação “Os Templários”: Formar para melhor intervir



O Centro de Formação “Os Templários” é uma entidade formadora acreditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua e resulta da associação dos seis Agrupamentos de Escolas públicas dos concelhos de Ferreira do Zêzere, Ourém e Tomar e da Associação de Jardins Escolas João de Deus de Tomar, num total de 1120 docentes e 482 não docentes, tendo a sua sede no Agrupamento de Escolas Nuno de Santa Maria.

O serviço à comunidade local que serve constitui-se como a função basilar desta organização, que tem por missão a de formar para melhor intervir. Para tal, temos privilegiado uma formação centrada nas práticas indutoras do desenvolvimento profissional e do desenvolvimento organizacional (E. Costa & M. Almeida), capazes de proporcionar a atualização científica para uma mudança de métodos, hábitos, atitudes e comportamentos, com vista à melhoria da qualidade da Educação.

Ao longo dos anos, os planos de formação foram pensados e elaborados de modo a dar respostas às necessidades formativas das escolas associadas, dando corpo a projetos formativos que procuram potenciar as sinergias construídas, prosseguir na minoração das fragilidades que surjam, colocar o conhecimento e experiência profissional ao serviço das comunidades escolares dos agrupamentos de escolas associados, desenvolvendo um trabalho sério, exigente e dedicado. A prossecução deste desiderato alicerça-se numa rede muito profícua de trabalho em parceria com as entidades da região, destacando-se as escolas associadas, as Câmaras Municipais de Ferreira do Zêzere, Ourém e Tomar, o Instituto Politécnico de Tomar e a Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo.

Para além de formações no âmbito da autonomia e flexibilidade curricular, da avaliação pedagógica, da transição digital, das nossas propostas formativas, destaca-se a realização de três eventos singulares que já extravasaram o âmbito local, assumindo contornos regional e até nacional. Referimo-nos a encontros anuais que têm trazido até Tomar um número muito significativo de formandos, a saber No Trilho do Jurássico, o Seminário Regional de Educação, uma coorganização com a Câmara Municipal de Tomar, que em 2019 celebrou a XXIª edição, e o Bibliotecando em Tomar, uma iniciativa cultural que resulta da parceria entre várias entidades – Agrupamentos de Escolas Nuno de Santa Maria e Templários, Câmara Municipal de Tomar, CFAE “Os Templários”, Centro Nacional de Cultura, Instituto Politécnico de Tomar e Rede de Bibliotecas Escolares – contando já com onze edições. Aliás, o balanço do trabalho realizado materializou-se no livro intitulado “Da construção de uma viagem partilhada: Bibliotecando em Tomar – 10 anos”, publicado em maio de 2021. Refira-se que esta atividade se assume como um espaço de partilha, reflexão e entendimento sobre temas aglutinadores e compreende painéis, saídas de campo e atividades culturais paralelas, que teve, no último ano da sua realização, o Alto Patrocínio da Presidência da República.

Graças ao empenhamento, à disponibilidade, ao profissionalismo e dedicação dos que trabalham no e com o centro de formação, às colaborações recebidas por parte dos nossos vários parceiros, ao apoio sempre próximo da Comissão Pedagógica, tem sido possível proporcionar um vasto e diversificado leque de formações, cumprindo os objetivos que norteiam a existência desta organização.



Livro comemorativo dos 10 anos do Bibliotecando em Tomar



Praia Jurássica de São Bento - Pormenor da jazida (Saída de campo no âmbito do Seminário “No trilho do Jurássico”)



Praia fluvial do Agroal (Saída de campo no âmbito do seminário “A Floresta”)

WWW.CFTEMPLARIOS.COM



MISERICÓRDIA DE THOMAR
FUNDADA EM 1510

511 ANOS
de serviço à comunidade

WWW.SCMT.PT



LAR NOSSA SENHORA DA GRAÇA E RESIDENCIAS ASSITIDAS



UNIDADE DE CUIDADOS CONTINUADOS DE LONGA DURAÇÃO E MANUTENÇÃO E IGREJA



SEDE E FARMÁCIA



NOVO COMPLEXO SOCIAL DAS AVESADAS

A história da Misericórdia “é também a história de Tomar”

Em 511 anos de existência a Santa Casa de Misericórdia de Tomar (SCMT) nunca deixou de prestar serviço à comunidade. Durante muito tempo foi a única instituição social no concelho e a principal na prestação de cuidados de saúde à população. Esta relação contínua com os tomarenses que se entrelaça com a própria história do concelho é motivo de orgulho para o Provedor da Misericórdia, António Alexandre. Em entrevista à IN, o responsável falou-nos de uma instituição com projetos como o Complexo Social e de Saúde que, a concretizar-se, duplicará o número de utentes e de funcionários daquela que é já a maior IPSS de Tomar. Em execução está também um Núcleo Museológico para mostrar aos tomarenses e visitantes o património artístico e a história da instituição.

Quando se candidatou a provedor da Misericórdia em 2018, António Alexandre definiu que uma das prioridades do seu mandato era dar a conhecer a instituição para que esta fosse conhecida. “A população continua a desconhecer a essência daquilo que foi, é e pode ser o papel da Misericórdia. E isso é uma questão que me preocupa”, admite.

Mas desde que a pandemia começou sente que houve por parte das famílias “uma maior manifestação de reconhecimento” sendo que este, no fundo, “sempre existiu”. Simplesmente agora revela-se através de gestos como o agradecimento à Misericórdia quando há o falecimento de um familiar que esteve ao cuidado da instituição. “Isso é para mim uma grande conquista já neste mandato: é a maior perceção por parte das pessoas do trabalho que fazemos, e esse trabalho é o daqueles que tratam diretamente dos utentes, as encarregadas, as diretoras, os enfermeiros, todo o pessoal”. Como todas as instituições a SCMT teve dificuldades sobretudo durante o início da pandemia, mas que não se fizeram sentir ao nível da saúde dos utentes, da qualidade dos serviços prestados nem do equilíbrio financeiro da instituição.

Em junho do ano passado a instituição lançou o Jornal “A Voz do Nabão” que funciona como um “órgão noticioso”. Em vez dos tradicionais boletins informativos optou-se por um meio de comunicação escolhido por outras misericórdias e pela própria União das Misericórdias Portuguesas. A ideia é a publicação ser semestral, mas por causa da pandemia a segunda edição só foi distribuída recentemente e está disponível no site da instituição (www.scmt.pt). É um instrumento que pretende mostrar a instituição “não tanto ao nível



Novo equipamento social

A ser concretizado o Novo Complexo Social e de Saúde permitirá a construção de uma unidade de cuidados continuados para 120 camas, ter um lar para 100 camas e um centro de dia para mais 40 pessoas. Em termos práticos isto significa duplicar em poucos anos quer o número de utentes quer o de trabalhadores - são agora cerca de 150 - o que é importante para uma região que, como muitas no país, necessita de criar emprego e fixar a população.

Este que é um “projeto viável e ambicioso”, nas palavras de António Alexandre, para o qual existe terreno resultante de uma doação, o apoio da Câmara e condições técnicas e financeiras – é elegível a uma candidatura aos fundos do Plano de Recuperação



e Resiliência - só está a sofrer pela demora. O processo já se arrasta há mais de um ano e o receio do Provedor é que se perca esta janela de oportunidade para a criação de um novo equipamento social de que há necessidade em Tomar.

A IPSS oferece várias valências como o Lar Nossa Senhora da Graça, a Unidade de Cuidados Continuados de Longa Duração e Manutenção, o Centro de Dia e o Serviço de Apoio Domiciliário. Ao todo a Misericórdia presta apoio diário a cerca de 250 utentes. Ao nível da oferta destacam-se ainda as Residências Assistidas destinadas a idosos com mais autonomia e a farmácia. Fundada em 1893 no antigo hospital da Santa Casa, situa-se hoje no edifício sede e os seus lucros são investidos em áreas mais deficitárias da Misericórdia.

das atividades” que dinamiza mas no que toca à história e ao património da Misericórdia, esclarece António Alexandre.


É que para o responsável da SCMT é fundamental passar a mensagem do que tem sido a história de dedicação da instituição à sua comunidade. E divulgar o que aconteceu, por exemplo, quando depois do 25 de Abril o Estado nacionalizou o hospital da Misericórdia que deixou assim de ter os cuidados da saúde dos tomarenses a seu cargo. Mais tarde, já com um hospital público construído, a IPSS viria novamente a ocupar o espaço que nunca deixou de ser seu - o Estado sempre pagou renda à instituição - mas agora com novas valências. “Há aqui sobretudo por parte das novas gerações e também nalgumas mais velhas alguma desatenção sobre o papel que foi interrompido. Até ao 25 de Abril havia um papel muito mais importante, forte e único, porque na saúde éramos os únicos (...) mas o papel e a importância de assistência social, apoio social e até de saúde às pessoas continua a ser importante e marcante em Tomar. Somos a maior IPSS no concelho de Tomar”, lembra António Alexandre.

Património

Entre o património da Misericórdia conta-se a Igreja de Nossa Senhora da Graça que é contemporânea da fundação da instituição. A intervenção a que foi sujeita preparou-a para receber um conjunto de “pinturas e imagens antigas” que estão na posse da Misericórdia. Pretende-se que a Igreja em conjunto com a Casa do Despacho, agora em obras, forme um núcleo museológico destinado aos tomarenses e turistas num projeto que tem o apoio da Câmara Municipal. “Este núcleo museológico é muito importante porque no fundo é a história da Misericórdia, é património da Misericórdia, mas é também a

História de Tomar nos últimos 511 anos. Não se pode separar a Misericórdia da história da cidade, da história do concelho, nós fazemos parte ativa com memórias vivas e com um património que é visitável e de importância cultural”, afirma António Alexandre.

A propósito de património e da Festa dos Tabuleiros, também nesta tradição a Misericórdia tem um papel fundamental - “é a fiel depositária” das coroas e do Pendão do Espírito Santo da Cidade de Tomar durante os quatro anos que medeiam as festas. Esta decisão, como todas as outras relativas a uma festa que é do povo, coube à comunidade e é vista pelo Provedor como um sinal de “valorização” da instituição. É junto à sede da Misericórdia que têm início “todas as saídas de coroas”, o provedor da Santa Casa faz, por inerência, parte da comissão central da festa, e a Misericórdia participa ativamente na preparação e na própria celebração.

António Alexandre é naturalmente defensor da elevação da Festa dos Tabuleiros a Património Nacional, a primeira etapa para que se possa candidatar a Património Mundial. E vai mais longe dizendo que “Tomar devia ser reconhecida como o centro da portugalidade” dada a sua importância estratégica, por exemplo, ao nível dos Descobrimentos. O conjunto arquitetónico do castelo e do Convento de Cristo é considerado o sítio mais importante de história templária do mundo - o próprio Infante D. Henrique foi grão-mestre da Ordem de Cristo e durante mais de uma década viveu em Tomar onde planeou os Descobrimentos. “A importância que, ao tempo, Tomar e a Misericórdia tinham, é muito superior àquilo que é o conhecimento de hoje das gerações não só de tomarenses mas sobretudo das pessoas do mundo que gostam de conhecer a História”, conclui António Alexandre. 

WWW.SCMT.PT



Foto: ARLINDO SANTOS

Foto: JOÃO PEREIRA

Dar vida e visibilidade a Carregueiros

É a freguesia mais pequena de Tomar mas tem um enorme potencial turístico para aproveitar. Carregueiros tem muito para oferecer, desde logo a sua Festa do Espírito Santo, que se vive aqui com uma genuinidade e entrega únicas. E, claro, o imponente Aqueduto dos Pegões que abastecia de água o Convento de Cristo. A intenção do novo executivo da Junta é promover esta freguesia como ela merece e foi numa agradável conversa com a equipa que a IN recolheu a informação que necessita para se render a esta localidade.

Festa em Honra do Divino Espírito Santo

Esta é a festa da freguesia que melhor a descreve, tem semelhanças com a Festa dos Tabuleiros, mas é ligeiramente diferente e especial pela forma genuína como mantém a tradição antiga do culto popular do Espírito Santo. São três dias de festa, de sábado a segunda, tendo o seu ponto alto no Domingo de Pentecostes (sete semanas depois da Páscoa). É na manhã desse domingo que se realiza o cortejo, terminando com a bênção dos tabuleiros. Alguns são desmanchados no momento, com as flores e o pão a serem distribuídos por quem quiser levar. É que aqui os tabuleiros são construídos com pão fresco e decorados com flores naturais. As raparigas que participam no cortejo insistem em enfeitar os próprios tabuleiros, algo que está a ter muita adesão ao longo dos últimos anos.

O presidente da Junta, Francisco Santos, diz que “as pessoas que não conhecem a festa ficam maravilhadas, mesmo as de Tomar”, o que mostra ser uma celebração que não pode perder. Transmitindo um grande orgulho nos seus olhos, o autarca relembra a última festa, que ocorreu em 2019 e, entretanto, não houve mais devido à pandemia, “envolveu muita gente, as pessoas gostaram e tivemos uma exposição sobre a história da freguesia, realizada com o contributo da população.” O desejo é que a pandemia abrande e volte a haver condições para retomar esta tradição anual. Nada dá tanta vida à população de Carregueiros como a sua Festa do Espírito Santo.

À frente da organização desta festa está a Irmandade do Divino Espírito Santo da paróquia e todos os anos é escolhido um “irmão” para ser o juiz do ano seguinte. O eleito escolhe mais sete “irmãos” para o ajudar.

O executivo lamenta o facto de ainda haver poucos visitantes, apesar de se notar que pessoas de fora da cidade começam a aderir, “mas não tanto como a festa merece. É uma festa que tem um cunho próprio desta terra e com características próprias. “Acho que está pouco divulgada,” diz-nos Francisco Santos, acrescentando que “é uma festa digna, religiosa e pequena, mas é nossa!”



O Aqueduto dos Pegões

Iniciada a sua construção no século XVI, com o intuito de abastecer água ao Convento de Cristo, é um monumento de visita obrigatória. Segundo o presidente é um autêntico “diamante por lapidar que temos na nossa freguesia”. Ainda não está convencido? Preste atenção: são cerca de sete quilómetros de extensão com 180 arcos de volta perfeita desenhados pelo arquiteto Filippo Terzi e, após a sua morte, por Pedro Fernandes de Torres.

Concluído em 1619, o aqueduto é a joia de Carregueiros e o executivo pretende promovê-lo à escala que um património desta envergadura justifica. Um dos objetivos é criar pelo menos dois trilhos para se poder andar a pé e direcionados também aos praticantes de BTT. Um deles fará a promoção do aqueduto em toda a sua extensão, das nascentes e das casas de água. O outro será para promover a rota das águas que passa pelos fontanários da freguesia.

Para além dos trilhos, a ideia passa também por criar um posto de turismo para promover os monumentos, as tradições e cultura, mas também para criar novos postos de trabalho e dinamizar a economia local. Os pequenos negócios da freguesia têm muito a ganhar com a chegada de novos visitantes. Até porque os recursos da Junta são muito escassos como nos revelou o tesoureiro João Plácido, “para além de ser a mais pequena do concelho, somos das poucas que não tem qualquer tipo de receita. Nós nem terrenos temos para os dinamizar, não há nada em nome da junta”.

“Devagar se vai ao longe”

Carregueiros tem vários problemas, “tem habitações abandonadas, tem uma rua quase toda desabitada, ou seja, a habitação é uma pedra no sapato da freguesia”, comenta Francisco Santos acrescentando que a solução passa por reabilitar as já existentes, mas não é fácil pedir isso à população. Para além disso, alguns cidadãos põem as casas à venda, mas ninguém as compra.

A equipa, constituída pelo Presidente Francisco Santos, pelo Tesoureiro João Plácido e pela Secretária Maria Rodrigues, tem um programa e vai tentar cumpri-lo aos poucos, apesar das dificuldades. Outro dos grandes objetivos é fazer uma grande intervenção na sede, até porque é este o espelho da Junta e encontra-se bastante degradada. Felizmente, vai ser adquirido um veículo que vai servir de apoio à freguesia, algo que já era há muito esperado. A ideia é fazer as coisas aos poucos, de forma sustentada, para melhorar o bem-estar e qualidade de vida da população.

Esta pequena freguesia tem grande potencial e para João Plácido “é essencial dar visibilidade porque se queremos trazer pessoas à freguesia a freguesia tem de lhes dar condições”. O convite fica feito - venha visitar Carregueiros. Nós vamos voltar, com toda a certeza.

Agrupamento de Escolas Templários: Onde a cultura ganha vida

Dinamismo, tradição e inovação são os adjetivos que melhor caracterizam o Agrupamento de Escolas Templários. Fundado em 2012, é frequentado por 2100 alunos distribuídos por vinte escolas de oito das onze freguesias de Tomar. A braços com várias iniciativas ligadas à preservação da cultura, Paulo Macedo, diretor do Agrupamento, apresentou-nos os principais projetos que está a desenvolver.

Embora o Agrupamento esteja quase a completar “apenas” dez anos, a sua sede, a Escola Jacôme Rattón, vai já nos 137. Foi aí, na antiga Escola Industrial de Tomar, que nos encontramos com Paulo Macedo, um diretor empenhado em preservar viva a história e a cultura de Tomar. Formado por escolas com realidades diversas, o agrupamento participa na conservação e divulgação da cultura da região: “está a tornar-se cada vez mais importante para os alunos perceber que o currículo não pode ser algo muito estanque. E a riqueza da cultura para os alunos é também currículo e também os valoriza.”

Aliada ao anseio de preservar a identidade cultural nasceu uma nova disciplina designada “História e Tradições de Tomar”. Lecionada unicamente neste agrupamento, pelo segundo ano consecutivo, a nova cadeira trabalha na base de visitas realizadas aos monumentos e aos locais que são abordados pelo material pedagógico. “Quando criámos o manual, tivemos de enviar a nova disciplina ao ministério para ser aprovada. O livro já foi cedido aos docentes e será replicado e entregue a todos os alunos”, explicou Paulo Macedo. O agrupamento criou também a disciplina de “Laboratório de Conhecimento Integrado” que juntou algumas áreas do primeiro ciclo.

O Plano Nacional das Artes (PNA) é outro dos projetos em que o agrupamento está envolvido, tendo sido mesmo uma das escolas-piloto. Desenvolvido pelas áreas governativas da Cultura e da Educação, tem o intuito de tornar as artes mais acessíveis aos cidadãos, em particular às crianças e aos jovens, através da comunidade educativa. Pretende-se assim promover a participação, fruição e criação cultural, numa lógica de inclusão e aprendizagem ao longo da vida.

As semanas culturais, inseridas no PNA, são também uma especificidade deste Agrupamento: “antigos alunos, pais e encarregados de educação fazem workshops de várias áreas.” O feedback positivo dos alunos e o enriquecimento a nível cultural são os motivos pelos quais Paulo Macedo considera essencial manter a aposta nesta iniciativa. Também por esse motivo, quando surgiu a possibilidade de fazer um plano de inovação, o Agrupamento entendeu que tinha de envolver a cultura e a arte: “quando fizemos o primeiro plano de inovação concluímos que tínhamos de dar resposta a algo que o concelho considere importante que é a História nacional.”

A somar ao Plano Nacional das Artes o Agrupamento aderiu também ao Plano Nacional do Cinema, ao Plano Nacional de Leitura, e as suas 7 Bibliotecas fazem parte da Rede de Bibliotecas Escolares. O Agrupamento



faz parte dos nove Agrupamentos a nível nacional que irão participar na Bienal Arte e Educação, promovida pelo Plano Nacional das Artes, agendada para março de 2023. Um evento que iremos acompanhar com atenção.

É neste contexto cultural e de preservação das tradições locais que Paulo Macedo sublinha a importância da participação do Agrupamento na Festa dos Tabuleiros, que se realiza de quatro em quatro anos: “muitas das áreas trabalhadas na Festa do Tabuleiros estão a perder-se e nós queremos que se mantenham. Estamos a falar da cestaria, da latoaria e do barro. Mais uma vez a cultura do concelho está ligada ao currículo”. É graças ao empenho do Agrupamento dos Templários que a Festa dos Tabuleiros é “exportada” de Tomar para a capital. Na última edição (2019) cerca de 90 crianças fizeram um mino Cortejo dos Rapazes, na zona de Alvalade, em Lisboa.



Projeto Educativo 2022/2025

O Agrupamento encontra-se, neste momento, a elaborar o novo Projeto Educativo 2022/2025, tendo em consideração as diferentes áreas em que está a intervir. A começar pela Escola Secundária Jácome Rattón que comemora 138 anos no próximo dia 16 de maio, e que pretende fazer parte da constituição da Associação Nacional de Escolas Centenárias.

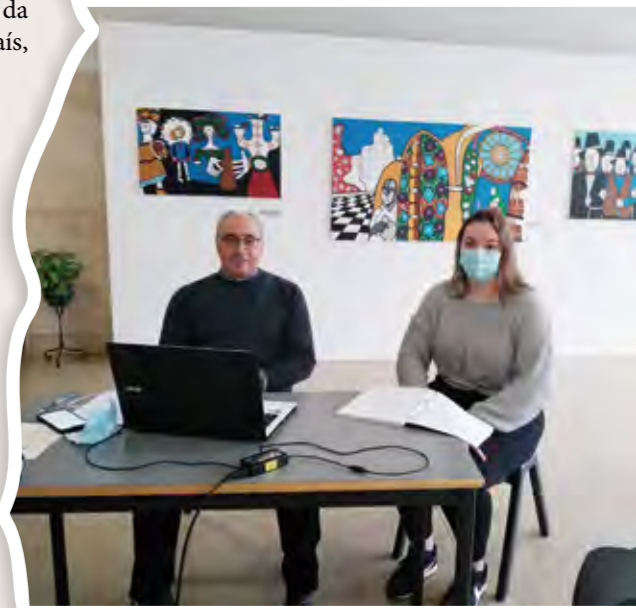
Outro projeto passa pela publicação de um livro dos 140 anos da história da escola: “temos um espólio bastante interessante e único nalgumas áreas do país, que devemos manter e preservar”, considera Paulo Macedo.

Cursos profissionais

A instituição contribui decisivamente para o crescimento da região e continua a reinventar-se, adaptando-se às exigências do mercado de trabalho. Prova disso é a aposta no “Centro Qualifica Templários”, com sede também na escola Jácome Rattón. Destina-se a “alunos adultos, que já trabalham e vêm à noite frequentar os cursos que o Centro oferece”, explica o diretor do Agrupamento. A oferta formativa estende-se ainda aos Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), em que há os EFA Básico e Secundário além dos EFA/PLA - Português Língua de Acolhimento, que este ano abriram quatro turmas, cada uma com aproximadamente vinte alunos.

Com uma oferta ampla, o Agrupamento orgulha-se de continuar a ser o que leciona mais cursos profissionais no distrito. O destaque vai para os dois cursos de instrumentistas, designadamente de Sopros e Percussão, de Cordas e de Tecla, e o de Artes do Espetáculo - Intérprete. “Temos pessoas de todo o país que vêm frequentar estes cursos a Tomar. Para lecionarmos estes cursos precisamos de professores dos diferentes tipos de instrumentos, alguns são estrangeiros”, destaca Paulo Macedo. O diretor de um Agrupamento de Escolas onde se respira vitalidade e dá garantias de que Tomar tem futuro.

Não podíamos sair da Escola Jácome Rattón sem falar na Galeria Maria de Lourdes Mello e Castro. Inaugurada em outubro de 2019, vai já na sua 6.ª exposição. Uma forma de trazer também a cultura para a Escola, fazendo do Agrupamento Templários um verdadeiro polo cultural de Tomar.





“Há coisas que nos diferenciam”

Américo Pereira está à frente dos destinos da União de Freguesias de Serra e Junceira, em Tomar, desde 2013. Um trabalho de grande dedicação que lhe valeu já duas reeleições. O excelente acolhimento a novos moradores que chegaram ao território, vindos de 22 nacionalidades diferentes, é uma das marcas de desenvolvimento dos seus mandatos. Fomos também perceber o entusiasmo com que é vivida a Festa dos Tabuleiros nesta freguesia.

Apesar de ser a maior União de Freguesias do concelho, Serra e Junceira têm uma baixa densidade populacional. Este é um dos problemas que Américo Pereira tem vindo a tentar combater ao longo dos anos. No entanto, apesar de a pandemia ter trazido grandes dificuldades, no que toca a este problema, trouxe a luz ao fundo do túnel. A desertificação da freguesia começou a ser invertida durante o confinamento. Foram essencialmente casais novos que aderiram a uma vida com mais sossego, numa fuga notória à vida urbana. “Com o confinamento passaram a conviver mais com a população local e aderiram à nossa qualidade de vida, que é bastante superior à dos grandes centros urbanos, nomeadamente Lisboa. Isso levou muitos deles a fixarem-se em Tomar, outros que à segunda-feira vão para Lisboa e regressam na sexta”, comenta o presidente.

Este aumento de população não fica por aqui. Para além de jovens portugueses, muitos estrangeiros optaram por uma vida tranquila aqui. Algo que também contribuiu para resultados positivos é o facto de a maioria destes estrangeiros serem pessoas que se encontram no ativo. “Grande parte dos estrangeiros que cá estão são trabalhadores de empresas internacionais com grande importância, o que se torna uma mais-valia para a nossa freguesia”, refere o presidente,

salientando que a vinda de novas pessoas para Tomar também fez com que o número de alunos nas escolas aumentasse. Os dados mostram que os estrangeiros residentes na freguesia vêm de 22 países: quase todos os europeus, alguns da América latina e da América do Norte. A integração foi muito fácil, com o excelente relacionamento entre antigos e novos moradores. Américo Pereira acrescenta que, para dar resposta a tantos imigrantes, “somos, talvez, a única Junta do concelho em que temos de ter funcionários a falar inglês e francês, para desempenhar o nosso trabalho no dia-a-dia”.


Infelizmente, a desertificação desta freguesia não é o único problema que preocupa o executivo e a população. Durante aquele que, por imperativo legal, é o seu último mandato, o presidente diz ter projetos que gostava de ver concretizados. “Temos muitos problemas a resolver quanto ao bem-estar da população, refiro-me a matérias que são fundamentais”. Em primeiro lugar, um dos objetivos passa pelo melhoramento da rede viária que ainda se encontra, em grande parte, em terra batida. São quilómetros de estrada nestas condições à espera de uma merecida intervenção, que ligam pontos fulcrais da freguesia. Em segundo lugar, solucionar a rede de esgotos que atravessa Junceira. Mas um dos problemas mais graves e que necessita de solução o mais rapidamente possível

é o facto de ainda haver locais sem acesso a água canalizada, “estamos no século XXI e isso não é normal. Aquilo a que nos propomos é tentar resolver esta realidade. Quanto ao saneamento, fizemos um troço de 400 metros e não temos capacidade económica para mais”, lamenta o autarca.

Algo que está na mente de Américo Pereira é a reabilitação da orla ribeirinha da Serra que, na sua opinião, é uma obra que deve ser realizada rapidamente. Em mente está também a melhoria da Praia fluvial de Vila Nova da Serra. Por fim, o Presidente gostaria de aproveitar os cerca de 50 quilómetros de costa do rio Zêzere (albufeira de Castelo de Bode) que se encontra no território, algo que seria bastante benéfico para esta União de Freguesias.

Claro que não poderíamos sair daqui sem falar da Festa dos Tabuleiros. Orgulhosamente, o autarca diz que esta festa “quer para a Serra, quer para a Junceira, é algo difícil de explicar pelo entusiasmo da população. Há coisas que nos diferenciam”. E é verdade. Ao contrário de outras freguesias, esta tem a particularidade de serem as raparigas que participam no cortejo a preparar as próprias flores do seu tabuleiro. A intenção é viver a festa de forma genuína, pelo que cada pessoa que carrega o tabuleiro leva ali parte do seu trabalho. “Era assim antigamente. As Juntas passaram a fazer tudo mas nós preferimos a forma tradicional, que está a voltar a ser adotada por outras freguesias também”. O presidente apenas gostava que houvesse um maior reconhecimento do trabalho da Junta na organização desta festa, pelo papel fundamental que têm, especialmente na preparação e execução do Cortejo.

A festa dos tabuleiros está prestes a ser reconhecida como Património Imaterial Nacional, mas Américo Pereira não tem dúvidas de que “para a população e para muitos estrangeiros (...) já é um Património Imaterial Nacional, apenas é preciso formalizar isso”. E acrescenta que é como um “casal que já vive há muito tempo junto, mas tem que ir ao notário concretizar o casamento”.

O convite fica feito. Seja durante a Festa dos Tabuleiros, ou em qualquer outra altura, não deixe de visitar a Serra e Junceira e aproveite a beleza natural deste lugar. 



WWW.FSERRAEJUNCEIRA.PT





A história



na Herdade dos Templários

O encanto da natureza ligada à sua história

A história é a base da freguesia de Olalhas, em Tomar. Uma localidade que conta com séculos de existência e que tem muito para contar. Foi doada em 1159 aos Templários por D. Afonso Henriques e, em 1514, D. Manuel I concedeu-lhe foral. É quase um milénio de história, que nos remete aos primórdios do nosso país.

Fomos recebidos pelo Presidente da Junta, Rui Lopes, e pelo Secretário e ex-Presidente, Jorge Rosa. São muitos os anos de experiência à frente da Freguesia, num trabalho de continuidade e grande dedicação pessoal, agora assegurado pelo atual Executivo. Pudemos ver de perto as Coroas que saem à rua na Festa dos Tabuleiros e também o foral de D. Manuel, devidamente emoldurado. Uma verdadeira relíquia que atesta a antiguidade e importância desta terra, nas margens da albufeira de Castelo de Bode. Rui Lopes termina esta apresentação com uma frase que descreve na perfeição Olalhas, “é uma freguesia muito antiga e com muito património”.

A reabilitação da praia fluvial do Alqueidão deverá estar pronta em abril, a tempo do próximo verão, naquele que é um espaço da maior relevância para todo o concelho de Tomar e arredores. O investimento nos desportos náuticos é outra prioridade. Como por exemplo a utilização do Cable Park nos Montes, para a prática de Wakeboard.

Outro dos importantes projetos em execução é a criação de um acervo museológico no Alqueidão. Este tem todo o material antigo para mostrar a história da Freguesia e vai ser inaugurado em breve. A recuperação das antigas fontes também foi algo urgente e que já foi concluído. Esta recuperação, juntamente com a criação do acervo museológico, levou a que fosse criada uma aplicação, disponível para Android e iOS, “cada edifício histórico, cada fonte, a rota das águas, todo esse património está na app e existe uma placa de informação junto a cada ponto com um QR Code para que a pessoa possa ver a história daquele local. Mostra também o mapa com os outros pontos, para que possamos percorrer estas rotas do património e para a sua divulgação”, explica o Presidente.

No que toca à maior e mais importante festa de Tomar, a Festa dos Tabuleiros, é aqui vivida com grande intensidade e



de forma genuína. Há uma autêntica corrida para ver quem leva os tabuleiros. A Festa “envolve a população toda”, contam Rui Lopes, “desde a montagem dos tabuleiros (decorado pela pessoa que o transporta) até à própria festa”. Há uma envolvimento total dos participantes em todo o processo de preparação antes do Grande Cortejo. Jorge Rosa conta já com muitas Festas no seu curriculum, ele que é um verdadeiro especialista na arte da construção dos tabuleiros. Uma tradição que não se pode perder, pelo que o atual Presidente gostaria de ver mais pessoas a aprender todas as particularidades da montagem deste símbolo de Tomar. “Envolve muito trabalho e muito dinheiro, mas é uma grande emoção para toda a gente”.

Ao passar por Olalhas não deixe ainda de visitar a Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com a sua pia batismal, doada pelo Infante D. Henrique em 1460. Esta localidade é um pequeno tesouro histórico, recheado de beleza natural. Fica aqui a nossa sugestão e o convite de Rui Lopes e Jorge Rosa, para que visitem e disfrutem deste belo recanto do nosso país.

WWW.JFOLHAS.COM

Foi na Quinta do Cavalinho, em Tomar, que nasceu a marca Herdade dos Templários. Só o nome remete logo para o passado português, um passado de séculos e com muita história. Tomar, em tempos denominada por Sellium, é um ponto de referência para o nosso país e é no seu coração que se encontra esta quinta vitivinícola de cariz familiar.

Paula Costa, a responsável pelo projeto, diz que esta aventura “teve o seu início há 32 anos, quando a família se cruzou com esta propriedade. Com forte ligação à agricultura, vimos ali a oportunidade de desenvolver uma paixão que já existia: a arte do vinho”. Tomar foi fundada no século XII, conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques e doada aos Templários, que promoveram o cultivo da vinha. É desta raiz histórica que nasce a marca Herdade dos Templários.

Falando sobre o que mais interessa, “desde 1989, inspirados pelas antigas tradições desta região na arte de bem fazer o vinho, aqui criamos cuidadosamente vinhos que espelham a verdadeira essência deste terroir e perfil regional”, orgulha-se a empresária. As vinhas são regadas gota-a-gota, e compostas por castas nativas e bem conhecidas como a “aromática” Fernão Pires ou a “vivaz” Arinto, de que resultam vinhos brancos de grande qualidade. Já nos tintos não podia faltar a “rainha” Touriga Nacional, a que se junta a “tradicional” Castelão, entre outras castas nobres.

Durante a conversa que tivemos com Paula Costa, percebemos que os vinhos são uma homenagem à cidade e têm sido premiados em concursos prestigiados a nível nacional e internacional. São, sem dúvida, prémios que valorizam o intenso trabalho por trás da produção vitivinícola, e são motivo para continuar a produzir vinhos com uma qualidade exemplar.

A Herdade dos Templários não é a única marca da Quinta do Cavalinho. Ao longo do tempo novas marcas foram aparecendo, entre elas, a Templários e Convento de Tomar – sempre com rótulos que nos remetem para símbolos da Ordem indissociável de Tomar. Relativamente ao leque de produtos que a quinta fornece, pode encontrar vinhos tintos, brancos e rosés. Para apreciadores de vinho licoroso, há também uma opção, produzida “a partir da uva moscatel Roxo” e que “nasce da vontade de produzir algo diferente, que não existia em Tomar”. Chama-se Sellium, antigo nome romano da cidade templária.

Não há como ficar indiferente a esta herdade, a qual pode ser visitada em contexto de enoturismo. Foi algo que começou de uma forma natural e conta agora com visitas às vinhas e degustação dos vinhos. Com um grande sorriso, Paula Costa diz que “a grande vantagem do Enoturismo é o contato direto com o produtor e a sua realidade, o poder escutar, encantar-se e “beber” a história em cada vinho degustado”.

O objetivo é a satisfação do consumidor e, em prol deste, haverá o lançamento de novidades durante este ano. A vertente de enoturismo vai crescer: a quinta conta com uma casa que foi renovada e é agora um alojamento local, com capacidade para 12 pessoas. Há também espaço para eventos familiares ou empresariais. Agende já a sua visita e desfrute da história num copo de vinho.





“Neste momento já temos na escola filhos de antigos alunos”

Nasceu pouco tempo depois de terem aparecido as primeiras escolas profissionais e é hoje uma instituição de referência ao nível desta via de ensino. Adaptada às necessidades do mercado laboral e aberta à comunidade, a Escola Profissional de Tomar (EPTomar) tem na satisfação dos alunos o seu melhor indicador de qualidade.

A caminho dos 30 anos, a EPTomar nasceu com o lema “Escola Profissional para aprender a aprender e aprender fazendo”. Assente na visão de que a escola deve funcionar como uma oficina, surgiu para colmatar “a brecha que se abriu no sistema educativo nacional” com o fim dos cursos técnico-profissionais. “Enquanto mentores da ideia do projeto da EPTomar achávamos que era uma componente extremamente importante na formação dos jovens, por um lado, e por outro na estruturação do próprio tecido económico porque mão de obra qualificada é sempre uma mais-valia”, conta o diretor Horácio Silva.

Atenta às necessidades do mercado de trabalho, a escola tem uma oferta ampla de cursos de nível IV de dupla certificação com equivalência ao 12º ano. Inclui um centro de formação contínua e uma academia de línguas virada para o tecido social e empresarial da região. “Tendo recursos físicos materiais e humanos, não faria sentido que não os utilizássemos em prol da comunidade”.


A criação de “todas as formas de pontes” possíveis é fundamental até porque na opinião de Horácio Silva as escolas profissionais de um modo geral mostram mais abertura à comunidade do que o contrário. Para a EPTomar este não é um problema já que tem protocolos assinados com mais de 100 empresas e entidades nacionais e internacionais. Neste âmbito a aposta recai sobre “três percursos distintos”: a cooperação com empresas e entidades onde a Escola vai fazer formação e que vêm fazer formação à Escola em setores como as artes gráficas, informática ou hotelaria. A formação em contexto de trabalho e a rede de parcerias internacionais. Desta rede beneficiam o pessoal formador e os alunos que têm experiências de formação no exterior, uma prática

corrente no âmbito de programas como o Sócrates, Leonardo Da Vinci e, agora, o Erasmus.

No ano passado a Escola recebeu o Selo de Conformidade EQAVET, o que na prática significa que está alinhada com as normas utilizadas para a certificação do ensino e formação da União Europeia. “Com o selo de conformidade podemos dizer «nós temos um trabalho com qualidade reconhecida», não obstante essa qualidade - e essas são as medalhas que normalmente ostentamos - ser a opinião de todos aqueles que por aqui vão passando. Neste momento já temos na escola filhos de antigos alunos, o que é bom sinal”, realça o responsável.

Para Horácio Silva a opção pela via profissionalizante é “extremamente vantajosa” até para o prosseguimento de estudos. A “ideia estigmatizante do curso profissional como fim de linha hoje está completamente ultrapassada”. Não só “uma boa percentagem de alunos” que terminam o ensino profissional vão para o ensino superior e com sucesso, “como os outros alunos vão para o mercado profissional e também com sucesso porque, no mínimo, já sabem o que querem fazer”, defende.

Quanto ao papel da EPTomar na Festa dos Tabuleiros, como está no ponto de partida do cortejo assume-se como “uma das primeiras montras da festa”. Também ajuda a “engalanar a cidade” na zona onde está inserida - o casco histórico - que é o centro da celebração e onde há cada vez menos moradores.

“O ambiente social no concelho em ano de festa é diferente do ambiente social no concelho nos outros três anos”, diz Horácio Silva, acrescentado “que é pena que não sejamos capazes de manter aquele espírito de cooperação, solidariedade, entrega e dádiva”. 

WWW.ESCOLAPROFISSIONALTOMAR.COM



metometal



Decapagem

Metalização

Pintura líquida



Lacagem (Pintura a pó)

Forno: 14,5x3,5x2,5m

Capacidade dos bastidores: 1200 Kg

Zona Industrial de Tomar, Rua A, Lote 8 2305-418 Tomar

Tel: 249380630

E-mail: geral@metometal.pt

Aumentar a produção fatia a fatia

É uma pequena empresa mas com uma grande capacidade. A experiência está na sua base e a dedicação na lista de valores. Foi fundada apenas em 2020, não para de crescer e, como tal, a procura de novos clientes é imperativa. Conheça Ideias Fatiadas, uma empresa ligada à indústria têxtil, localizada em Paços de Ferreira.

António Carneiro é o administrador da Ideias Fatiadas, e é com orgulho que nos fala da sua empresa. Aqui apenas se fabrica um produto: a ligueta. Esta é produzida em várias medidas e usada na confeção, principalmente em artigos de mulher. Para a sua produção é necessária uma entretela, um material aplicado no tecido para estruturar a peça, que apresenta diversas variações, materiais e espessura. Como o trabalho da ligueta é fatiar as entretelas, surge deste processo o nome da empresa.

O empresário contou-nos um pouco do seu percurso, já longo, nesta área. Anteriormente tinha uma outra firma ligada ao setor, a Envicorte, onde produziam um grande leque de produtos para além da ligueta. Quando decidiu vender essa empresa levou a ideia da produção de liguetas para um novo projeto. Nasceu assim a Ideias Fatiadas, com um arranque relativamente fácil, uma vez que os clientes já estavam fidelizados e acabaram por transitar para a nova empresa.

A relação que mantêm com os clientes é muito simples e descomplicada. Por a ligueta se tratar de um produto também ele simples, os clientes já sabem as medidas que vão precisar e fazem as encomendas com isso em mente. Depois do produto estar concluído, a Ideias Fatiadas leva-o ao encontro dos clientes, se estes se localizarem perto. Caso contrário, estão encarregues deste serviço as próprias transportadoras das empresas.

A empresa foi criada em janeiro de 2020, exatamente no princípio da pandemia. Algo que acabou por não afetar muito já que “no primeiro ano as coisas foram acontecendo a uma velocidade reduzida, mas foram andando bem” e nunca deixaram de trabalhar. No ano passado, 2021, tudo foi bem melhor, com mais encomendas, e “a perspetiva para este ano é que se mantenha”.

A Ideias Fatiadas produz mais para exportação, embora também tenham diversos clientes portugueses. O principal destino das liguetas é a Espanha, mas a intenção é expandir pelo mercado internacional. Os produtos são usados pelos clientes para revenda com os mais diversos fins. A verdade é que a exportação continua a ser muito superior ao consumo nacional e esse é o grande foco do empresário, “estamos a tentar abrir novos caminhos, nomeadamente para Itália e Alemanha, que são mercados muito fortes, especialmente o de Itália, o país da moda”. Para conseguir atingir este objetivo, a ideia passa por frequentar feiras empresariais para chegar ao maior número possível de futuros clientes. Infelizmente, com a pandemia, não tem sido possível concretizar este objetivo. Particularmente em Itália, onde agora António Carneiro espera conseguir “abrir as portas à Ideias Fatiadas”.

Para angariar o máximo de clientes em Portugal, a estratégia é a mesma. Foi por isso que a empresa participou, recentemente, na última feira do setor têxtil e vestuário na Exponor: a Modtissimo.

Esta é uma empresa que se destaca por ser muito pessoal. As máquinas que são usadas na produção das liguetas são praticamente automatizadas, ou seja, uma pessoa consegue ficar encarregue de várias máquinas. Este procedimento requer pouca mão-de-obra e “há uma grande diferença logo aí. Por exemplo, na Envicorte chegámos a ter 45, mas fazíamos muitos acessórios para confeção, aqui só produzimos um produto, embora com várias medidas, mas o trabalho é todo igual”, adiantou o empresário.

De seguida, o António Carneiro ainda acrescentou que “a maior diferença é o facto de haver condições para uma elevada produção. Temos capacidade para fazer, mensalmente, cerca de seis milhões de metros de ligueta, com pouca gente”. Quanto ao horizonte da empresa, António Carneiro só tinha uma coisa a dizer: “o projeto para o futuro é tentar aumentar o leque de clientes e, assim, aumentar a produção”.



RUA DO COMERCIO, N.º526 LAMOSO | 4590-410 PAÇOS DE FERREIRA
TEL.: 255 184 232/255 184 233 | TELM.: 968 442 188 | GERAL@IDEIASFATIADAS.PT

A igualdade de género é uma luta pela justiça social

O Dia Internacional da Mulher, celebrado a 8 de Março, é uma data que homenageia as conquistas das mulheres e lembra o longo percurso que ainda existe até ser alcançada a igualdade de género. Mas sobretudo no mundo ocidental muitas mulheres vão já fazendo o seu caminho de liderança e empoderamento que durante tantos séculos lhes foi negado pela sociedade.

Basta abrir as redes sociais a 8 de Março para nos apercebermos se não de uma resistência pelo menos de uma certa ambiguidade que a data provoca. Há quem diga “preferir respeito a flores” ou lembre que o dia da mulher é afinal todos os dias. Porque é-o, de facto, dado os múltiplos papéis que são esperados do género feminino. É também uma data em que como noutras efemérides aparecem muitos números no espaço público mediático.


Em Portugal as mulheres têm menos 61 dias de trabalho remunerado do que os homens: é o que significa ganhar, em média, menos 16,7% (dados de 2015) do que os homens. Há mais de 30 anos que Portugal tem mais mulheres licenciadas do que homens só que o diferencial salarial entre homens e mulheres é ainda maior nos trabalhos que exigem qualificações mais elevadas.

Mas num mercado laboral onde subsistem desigualdades e discriminações surgem pequenas luzes ao fundo do túnel. Tem havido uma tímida aproximação salarial, segundo a Comissão para Igualdade no Trabalho e no Emprego. No último 8 de Março, a CEO da SONAE Cláudia Azevedo revelava que, no final de 2020, 36% das posições de liderança naquele grupo económico já eram assumidas por mulheres.

Há quem veja o 8 de Março como uma forma de homenagear as mulheres das gerações anteriores que lutaram por direitos iguais aos dos homens. É que ao contrário de outras efemérides que são ditadas, por exemplo, pelo consumismo, a data tem raízes históricas

operárias. O primeiro Dia Nacional das Mulheres foi assinalado a 28 de fevereiro de 1909 pelo Partido Socialista da América em homenagem à greve das trabalhadoras de fábricas de têxteis em Nova Iorque. Na altura protestaram contra a falta de condições de trabalho, ainda piores que as dos homens. Em 1917, mulheres na Rússia insurgiram-se contra as más condições laborais no último domingo de fevereiro que “caiu” no dia 8 de Março no calendário gregoriano. O seu movimento pelo “Pão e Paz” influenciou outro, o sufragista, e nesse mesmo ano as mulheres russas passaram a poder votar.

Desengane-se quem pensa que a igualdade de género é uma luta de mulheres, ela deve ser assumida como uma luta de todos pela justiça social. É o que defende a ONU que instituiu a data e promove a sua celebração desde 1975. Veja-se o exemplo do Nobel da Paz de 2018, o médico congolês e ativista pelos direitos humanos Denis Mukwege. Foi a sua luta para que a violência sexual contra as mulheres deixe de ser uma “estratégia de guerra” que lhe valeu o prestigiado prémio.

Em 2021 falou-se sobre a COVID-19 e como mulheres na liderança ajudaram a mitigar efeitos da pandemia. Para este ano o tema é “Igualdade de género hoje para um amanhã sustentável” reconhecendo a contribuição de raparigas e mulheres de todo o mundo na resposta às alterações climáticas. Uma luta urgente que será levada aos mais de cem países que celebram a data. 

#AquiNuncaEstasSozinho #AquiChegasAoTopo



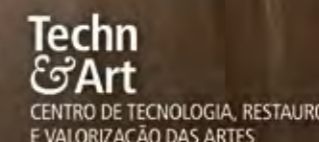
POLITÉCNICO DE TOMAR

anos de Ensino Superior na Região

Cursos nas Áreas de ► Artes
Ciências e Engenharias
Ciências Sociais
Gestão e Economia

CONSTRÓI O TEU
FUTURO

Centros de Investigação



+ INFO:

t: 249 328 216 . spoc@ipt.pt | +351 913 950 802 (WHATSAPP)

www.ipt.pt





 **ideias**
Fatiadas

RUA DO COMERCIO, Nº526 LAMOSO | 4590-410 PAÇOS DE FERREIRA

TEL.: 255 184 232/255 184 233 | TELM.: 968 442 188

GERAL@IDEIASFATIADAS.PT